

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**ANA PAULA GONÇALVES ALVES CASTRO**

**MIGRAÇÃO DE PARAENSES PARA CRICIÚMA: UM ESTUDO A PARTIR DAS  
HISTÓRIAS E EXPERIÊNCIAS CONTADAS POR ESSES MIGRANTES**

**CRICIÚMA**

**2018**

**ANA PAULA GONÇALVES ALVES CASTRO**

**MIGRAÇÃO DE PARAENSES PARA CRICIÚMA: UM ESTUDO A PARTIR DAS  
HISTÓRIAS E EXPERIÊNCIAS CONTADAS POR ESSES MIGRANTES**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para a obtenção do Grau de Licenciada no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Michele Gonçalves Cardoso.

**CRICIÚMA**

**2018**

**ANA PAULA GONÇALVES ALVES CASTRO**

**MIGRAÇÃO DE PARAENSES PARA CRICIÚMA: UM ESTUDO A PARTIR DAS  
HISTÓRIAS E EXPERIÊNCIAS CONTADAS POR ESSES MIGRANTES**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciada, no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Sociedade, Cultura e Ambiente.

Criciúma, 05 novembro de 2018.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof.<sup>a</sup> Michele Gonçalves Cardoso – Doutora - (UNESC) – Orientadora

Prof.<sup>o</sup> Tiago da Silva Coelho - Mestre - (UNESC)

Prof.<sup>o</sup> Paulo Sérgio Osório - Mestre - (UNESC)

**Com amor e admiração, dedico este trabalho à  
minha mãe, Socorro Gonçalves, pelo seu  
incansável incentivo à minha formação  
intelectual.**

## AGRADECIMENTOS

Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas que já têm a forma de nossos corpos e esquecer os nossos caminhos que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia. E se não ousarmos fazê-la teremos ficado para sempre à margem de nós mesmos (Fernando Pessoa).

Antes de mencionar as pessoas que fizeram parte desse processo, quero agradecer primeiramente ao Deus de Abraão, Isaque e Jacó; o Deus ao qual eu sirvo, que me sustentou, mantendo-me de pé, em meio às lutas que vamos encontrando ao longo dos anos. Essa caminhada foi muitas vezes solitária, mas Deus me dava forças para seguir em frente, e hoje, eu dou louvor a Deus por ter chegado até aqui.

Neste percurso, encontrei pessoas muitas especiais, que torceram, apoiaram, auxiliaram; ajudando-me em momentos difíceis. Desse modo, declaro, com muito carinho, meus agradecimentos a essas pessoas.

Começo agradecendo a Socorro Gonçalves, minha mãe, que, mesmo distante, torceu por mim em muitas escolhas de minha vida. Suas mensagens diariamente de carinho me deram forças para seguir em frente. Meu carinho, também, a Ana Vera Gonçalves, minha 'maninha' tão carinhosa - sinto tanto sua falta! Seu apoio foi muito importante. Obrigada, mana!

Aos amigos que conquistei na Universidade. Quero agradecer ao Jodoel Gonçalves Cardoso, que, além de ser um parceiro, foi também um ombro amigo. A Liziane Acordi, um ser humano incrível, a qual me ajudou em muitas ocasiões. Ao meu querido amigo Vitor Gislou, com seu humor sempre me fazendo roubar um sorriso, companheiro de conversas, obrigada meu amigo! Pelo seu respeito a atenção. A Rita de Cássia Dagostim, sem palavras para descrever a gratidão por essa pessoa maravilhosa, sempre me perguntado se precisava de alguma coisa ou outra. Beijos minha linda! Minha gratidão a Liane Carvalho, uma amiga que conheci já no final do curso, uma pessoa muito especial, que ficará registrada em meu coração. Obrigada, Li, por se fazer sempre presente.

Agradeço, também, com muito carinho, a Ana Trícia, William, Deivid, as crianças que Deus me deu. Devo pedir desculpas a vocês, por tê-los privado da minha presença em diversas ocasiões. Mesmo ausente, vocês souberam me entender, incentivando-me a seguir em frente.

Durante meus quatro anos nesta instituição, tive o privilégio de conhecer professores maravilhosos: Michele Gonçalves Cardoso, Carlos Renato Carola, Ismael Gonçalves Alves, João Henrique Zanelatto, Carlos Matias, Lucy Cristina Ostetto, Marli de Oliveira, Michelle Stakonski, Gislene Camargo, Paulo Sérgio Osório, Tiago da Silva, Juliano Bitencourt, João Batanolli, Fabricio Soares, João Monteiro (*in memoriam*), Franz Kafka. Esses foram os meus professores do curso de História: muito obrigada! O que escrevi nesta pesquisa teve alguma contribuição de vocês. Por este motivo, faço questão de deixar registrados seus nomes neste trabalho.

Entre esses mestres, quero agradecer a uma professora muito especial, que guardarei em minhas lembranças, Michele Gonçalves Cardoso. Minha gratidão por ter aceitado esse desafio de me orientar, seu constante estímulo foi fundamental para que eu não desistisse de lutar. Excelente profissional! Professora, obrigada de coração! Pelo apoio e auxílio, não somente na realização desta pesquisa, mas também durante a graduação, sei que agora nós iremos ver pouquíssimas vezes, ou talvez não. Mas, uma coisa eu tenho certeza, serei grata por tudo que a professora fez por mim.

Assim, agradeço a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para transformar este sonho numa realidade. Meu muito obrigada!

### **A Vida do Viajante**

“Minha vida é andar por este país  
Pra ver se um dia descanso feliz  
Guardando as recordações  
Das terras onde passei  
Andando pelos sertões  
E dos amigos que lá deixei

Chuva e sol  
Poeira e carvão  
Longe de casa  
Sigo o roteiro  
Mais uma estação  
E a alegria no coração

Minha vida é andar por esse país  
Pra ver se um dia descanso feliz  
Guardando as recordações  
Das terras onde passei  
Andando pelos sertões  
E dos amigos que lá deixei

Mar e terra  
Inverno e verão  
Mostro o sorriso  
Mostro a alegria  
Mas eu mesmo não  
E a saudade no coração”

**Composição: Herve Cordovil / Luiz Gonzaga**

## RESUMO

O trabalho versa sobre a migração de paraenses para a cidade de Criciúma, tendo como objetivo compreender como ocorreu esse deslocamento, evidenciando os motivos, as adaptações, as dificuldades e a atual situação desses paraenses em Criciúma; com visibilidade, ainda, às redes sociais que são fundamentais nesse processo migratório. Trata-se de uma pesquisa de história oral, construída por meio de uma revisão bibliográfica, de fontes orais e de aplicação de um questionário. Dessa forma, esta pesquisa está fundamentada nos conceitos de migração e história oral e está estruturado em dois capítulos.

**Palavras-chave:** Migração. Criciúma. Redes sociais. Paraenses.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Migrações internas no Brasil a partir de 1950.....	18
Figura 2 - Mapa das migrações internas no Brasil a partir da década de 1970.....	19
Figura 3 - migrações a partir da década de 1990.....	21
Figura 4 - Mapa do Estado do Pará .....	27
Figura 5 - O mercado do Ver-o-Peso em Belém do Pará.....	29
Figura 6 - Feira do Açaí no mercado do Ver-o-Peso.....	30
Figura 7 - Parte interna do mercado Ver-o-Peso.....	30
Figura 8 - Procissão do Círio de Nazaré em Belém do Pará (2017) .....	31
Figura 9 - Prato típico: o tacacá .....	32
Figura 10 - O pato no tucupí.....	33
Figura 11 - Maniçoba .....	33
Figura 12 - Carimbó .....	34
Figura 13 - Festival do Sairé .....	35
Figura 14 - Festival da Marujada.....	35
Figura 15 - Dados publicados pelo IDHM.....	38

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADEPARÁ	Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Pará;
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos;
EMBRAPA	Empresa brasileira de pesquisa agropecuária;
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística;
IPHAN	O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional;
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano;
PIC	Programa de Iniciação Científica;
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>2 UM BREVE PANORAMA SOBRE MIGRAÇÕES INTERNAS A PARTIR DO SÉCULO XX E INÍCIO DO XXI</b> .....	<b>16</b>
2.1 CRICIÚMA COMO POLO ATRATIVO PARA A MIGRAÇÃO .....	23
2.2 FATORES ECONÔMICOS E SOCIAIS DO ESTADO DO PARÁ.....	26
2.3 A IMPORTÂNCIA DAS REDES SOCIAIS NO PROCESSO MIGRATÓRIO .....	39
<b>3 ANALISANDO A TRAJETÓRIA DOS PARAENSES: PESQUISA DE CAMPO EM CRICIÚMA</b> .....	<b>41</b>
3.1 HISTÓRIAS E EXPERIÊNCIAS CONTADAS POR PARAENSES EM CRICIÚMA .....	45
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>54</b>
<b>5 REFERÊNCIAS</b> .....	<b>56</b>
<b>APÊNDICE</b> .....	<b>61</b>
APÊNDICE A – QUESTÕES NORTEADORAS PARA ENTREVISTAS DOS MIGRANTES PARAENSES.....	62

## 1 INTRODUÇÃO

Ao chegar ao final do Curso de História, deparo-me com uma tarefa de produzir um texto, resultado de vários dias de pesquisa, uma discussão que fala sobre a vinda de paraenses para a cidade de Criciúma. Mas, antes de iniciar a escrita desta pesquisa, é fundamental descrever um pouco, não só do meu ingresso na universidade, mas também da minha trajetória para a cidade de Criciúma, para que o leitor compreenda a importância deste trabalho na minha vida. E não vejo outro exemplo, além da minha própria vivência como migrante, para dar início a este trabalho, já que sou uma paraense e há quatro anos moro em Criciúma. Por isso, senti-me à vontade em ter feito essa pesquisa e, principalmente, em estar escrevendo este trabalho.

Diante disso, relato aqui meu percurso: cheguei a Criciúma no dia 5 de agosto de 2014, vindo da Cidade de Belém do Pará; uma viagem cansativa, com duração de quinze horas devido às conexões: Brasília, São Paulo, Florianópolis e, finalmente, Criciúma. Uma cidade com clima totalmente diferente, além da alimentação, com que até hoje eu não me acostumei. Mas, vim com objetivos e, um deles, foi a procura por qualidade de vida.

E, nessa busca, vi a oportunidade de ingressar em um curso superior por meio do histórico escolar, na Universidade do Extremo Sul Catarinense; foi então que fiz a inscrição e fui contemplada com uma bolsa de estudos, Nossa Bolsa, uma modalidade de ingresso na Universidade. Iniciei, assim, o curso de Licenciatura em História no ano de 2015 - um sonho sendo concretizado com a oportunidade de uma bolsa.

No mesmo ano em que ingressei na área da educação, consegui um estágio atendendo crianças em uma creche, e, nesse espaço, tive o privilégio de conhecer alguns paraenses, e não foi apenas nesses ambientes, observei também a presença desses migrantes no cotidiano do espaço urbano de Criciúma, em supermercados, Shopping, centros comerciais, metalúrgicas, Universidade e, principalmente, na igreja onde frequento.

Além disso, analisei que esses paraenses, que tive o privilégio de conhecer, relataram sobre a sua vinda, a cultura, os motivos e os familiares que ficaram no Pará, e escutar essas histórias estimulava em mim um sentimento de saudades, não apenas dos meus familiares, mas também da

minha terra natal. Analisando esses relatos, despertou-me o interesse pela temática, no sentido de saber a atual situação desses migrantes em Criciúma.

Diante disso, apresentei esta temática à minha professora e orientadora do Programa de Iniciação Científica – PIC 170, Michele Gonçalves Cardoso -, a qual ajudou-me nas pesquisas preliminares, orientando-me nos melhores caminhos para que este trabalho tivesse um resultado positivo, e, principalmente, apresentando os desafios em trabalhar com a história oral, sendo assim, suas orientações foram fundamentais para que eu conseguisse chegar até o final desta pesquisa. E estou aqui, escrevendo o meu trabalho de conclusão de curso.

Posto isso, a preocupação central deste trabalho é fazer um estudo acerca dos paraenses que vieram para a cidade de Criciúma, esse estudo tem por finalidade compreender como ocorreu o deslocamento desses migrantes, destacando os motivos, as adaptações, as suas dificuldades, a atual situação desses migrantes, principalmente, evidenciando as redes sociais que são fundamentais nesse processo, já que a maioria desses migrantes desconhece o local para o qual migraram.

Portanto, tomando Criciúma como local desta investigação, segundo o levantamento do IBGE de 2018, a cidade possui uma população de 213.023 habitantes, e está localizada na região Sul de Santa Catarina, e possui um histórico de movimentos migratórios diversos, sendo que, no final do século XIX, a região recebeu vários imigrantes vindos da Europa. Atualmente, a cidade recebe migrantes de diversas regiões, como é o caso dos paraenses que estão em Criciúma.

Em se tratando desses migrantes, a pesquisa nos mostrou que vieram de diferentes cidades do Pará. Este estado, situando-se ao leste da região Norte, que é subdividida em 144 municípios (SANTOS, PASCOAL, 2013, p.74), sua capital é a cidade de Belém. De acordo com o IBGE (2010), o Pará possui uma extensão territorial de 1.247.950.003 quilômetro quadrados.

A população paraense é composta por maioria descendente de indígenas, de portugueses e de holandeses, e quase todos os municípios paraenses se concentram às margens de rios. E isso acontece pela falta de vias de transporte ferroviário e rodoviário, assim, “a população utiliza como principal meio de transporte as embarcações fluviais, exemplo, são as cidades

de Belém, Breves, Gurupá, Almeirim, Porto de Mós, Moju entre outras” (SANTOS, PASCOAL, 2013, p. 75).

Sendo assim, essa pesquisa propõe dar visibilidade a essa população paraense que migrou para Criciúma, cujos relatos têm muito que contar nessa trajetória de ser um migrante em uma terra com cultura totalmente diferente. Nesse caso, escutar suas histórias e experiências talvez seja um caminho de compreendermos um pouco esses migrantes.

Diante deste contexto, a pesquisa aqui presente assume a seguinte organização: no primeiro capítulo, iremos abordar três temáticas, fazendo um breve panorama sobre migrações internas a partir do século XX e início do XXI - este estudo irá destacar apenas os principais fluxos migratórios, estabelecendo uma breve análise em cada processo migratório. Para esta pesquisa, nós nos ancoramos na socióloga Rosana Baeninger (2012, 2015), especialista em migrações internas, o historiador Tiago da Silva Coelho (2012), o sociólogo George Martine (1989) e a geógrafa Sueli de Castro Gomes (2006).

Dessa forma, não foram apenas esses autores com que trabalhamos, apenas salientamos os principais, pois houve necessidade de estabelecer um diálogo com outras áreas do conhecimento para poder compreender melhor a temática migratória, que possui perfil interdisciplinar. Nesse primeiro tópico, iremos evidenciar o conceito de migração, e para esta definição escolhemos os estudos da socióloga Rosana Baeninger.

No primeiro tópico, iremos fazer uma discussão como Criciúma tornou-se polo atrativo para migrantes, nesse caso, trabalharemos as pesquisas dos historiadores Dorval do Nascimento (1993, 2006), Carlos Renato Carola (2002) e da historiadora Michele Gonçalves Cardoso (2011), essas obras foram muito importantes para compreender o desenvolvimento da cidade de Criciúma.

Já, no segundo tópico, trabalharemos com os fatores econômicos e sociais do estado do Pará, e para isso, utilizamos como fonte o jornal Diário online, Além dos índices do IBGE, EMBRAPA, DIEESE e o ADEPARÁ, apresentando dados estatísticos sobre os fatores econômicos e sociais do Pará. Também utilizaremos a tese de doutorado da socióloga Marise Teles Condurú: *Análise da Qualidade da Informação no Setor de Saneamento Básico* (2012). Mas, é importante deixar claro, que houve uma dificuldade para

encontrarmos fontes que trabalhassem com essa temática, por este motivo, optamos pelos dados estatísticos.

No terceiro tópico, busca-se analisar a importância das redes sociais no processo migratório, visibilizando as redes sociais que são alicerces de mobilidade. E para essa compreensão, utilizou-se as análises da socióloga Sueli Siqueira (2011), da antropóloga Glaucia de Oliveira Assis (2004, 2007) e da historiadora Michele Gonçalves Cardoso (2011).

Desta maneira, para esse trabalho foram utilizadas diversas fontes, entre elas, a história oral. Optamos por este método ao perceber, que sua utilização proporciona ouvir esses paraenses, onde a história oral viabiliza os estudos dessas minorias. Sobre essa metodologia dialogamos com os estudos da historiadora Marieta de Moraes Ferreira (1998), Paul Thompson (1992) e Lucília de Almeida Neves Delgado (2006). Segundo Delgado a história oral é:

[...] um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a história em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais (DELGADO, 2006, p.15).

Neste viés, o segundo capítulo irá evidenciar os resultados desta pesquisa, que se dividiu de duas formas, por meio de três entrevistas e da aplicação de um questionário. Os resultados apresentaram alguns motivos, o processo de adaptação, as dificuldades e a atual situação desses migrantes em Criciúma.

Enfim, a produção deste trabalho objetiva apresentar um estudo sobre esses paraenses em Criciúma, analisando suas particularidades nesse processo migratório, e tendo como problema de pesquisa entender as motivações para o deslocamento de paraenses para a cidade de Criciúma. Analisar os motivos, o processo de adaptação, as dificuldades e ainda, a atual situação desses migrantes em Criciúma.

## 2 UM BREVE PANORAMA SOBRE MIGRAÇÕES INTERNAS A PARTIR DO SÉCULO XX E INÍCIO DO XXI

Para esta sessão, vamos destacar o conceito de migração; nessa perspectiva, foram encontrados vários autores (BRITO, 2009; CUNHA, 2007; CERQUEIRA, 2014; BARCELLOS, 1995) que abordam esse conceito, no entanto, vamos utilizar os estudos da socióloga Rosana Baeninger, especialista em migrações internas. Nesse exposto, a autora assinala que “migração é o deslocamento populacional pelo espaço geográfico, de forma temporária ou permanente, que desde o início da humanidade têm contribuído para a sobrevivência do ser humano” (BAENINGER, 2012, p.01).

Como o nosso intuito não é apresentar todas as migrações internas, iniciaremos essa discussão a partir do século XX, mais precisamente com a crise de 1929, que, conseqüentemente, resultou num desequilíbrio para a economia brasileira, principalmente, na produção de café, e nesse período dependíamos diretamente do mercado internacional (COELHO, 2012). Esse desequilíbrio econômico ocasionado pela crise fez com que o café, que na época era:

[...] o principal produto nacional, cedesse espaço para uma diversificação de outras áreas de pequena indústria no país. Onde o governo criou uma política de substituição das importações, incentivando a utilização da capacidade ociosa das indústrias no país” (COELHO, 2012, p.65).

E esse incentivo às indústrias fez com que a economia brasileira se afirmasse no rumo da industrialização. Também é importante deixar claro que, das cinco regiões brasileiras, o Sudeste não se destacou à toa, ou melhor, essa região obtinha uma disponibilidade de capitais, e por este motivo ela se evidenciou entre as outras regiões (BAENINGER, 2015). Mas, não devemos esquecer que as políticas de incentivos foram fundamentais para que essa região se desenvolvesse industrialmente.

E nesse cenário de políticas de incentivos, no ano de 1930, com o aumento dos investimentos na indústria têxtil, de alimento e de bebidas, entre outros, iniciou-se um fluxo migratório para a região do Sudeste.

A história do Brasil está fortemente marcada pelo fenômeno da migração, inicialmente, pelo fator colonização e, mais recentemente, pelo deslocamento interno, em que cada ciclo econômico trouxe consigo um fluxo migratório. A partir de 1930, as migrações internas começaram a desempenhar um papel de destaque na recomposição espacial da população. (VALE; LIMA; BONFIM, 2015, p.22).

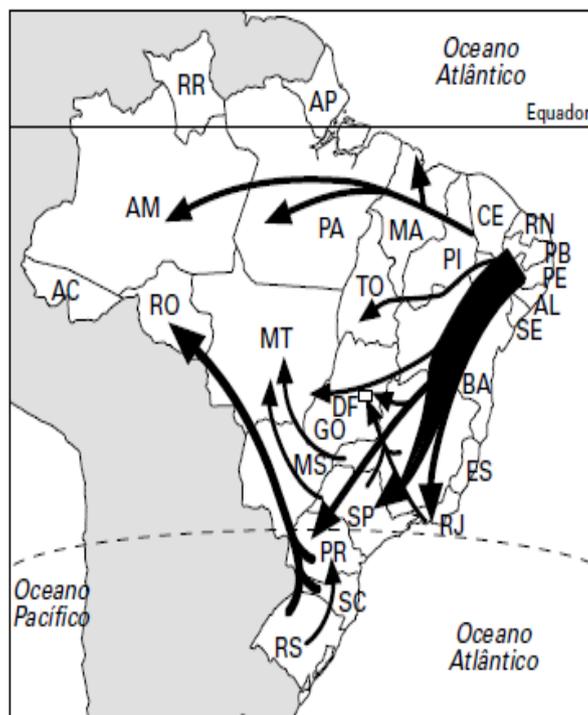
Assim, na medida em que as indústrias iam se tornando a atividade econômica mais importante do país, a migração do campo para a cidade também se intensificava, em que muitos migrantes saíam do campo em busca de trabalho. Diante desses expostos, é evidente perceber que esse desenvolvimento industrial do Sudeste fez com que essa região se tornasse um polo atrativo para migrantes vindos de outras regiões, principalmente do Nordeste. Nesse caso, houve “um aumento significativo da migração de nordestinos para o Sudeste, principalmente para os estados de São Paulo e Rio de Janeiro” (COELHO, 2012, p.14).

Outro fator importante de ser lembrado, e que contribuiu bastante para a saída de nordestinos, foram os grandes problemas enfrentados por essa população, tanto pelo desemprego, como também pela seca que castigava essa região. Esses e outros fatores impulsionaram os nordestinos em busca de locais que oferecessem uma qualidade de vida. Com relação à seca do Nordeste, Coelho nos diz que:

A seca sempre castigou o Nordeste do Brasil, há indícios da falta de água, da aridez do solo, nos relatos dos primeiros viajantes pela colônia portuguesa da América, no século XVI, durante todo o século XVII, quando a economia do açúcar era centrada na capitania de Pernambuco, ela já açoitava o sertão (COELHO, 2012, p.15).

Quanto mais as indústrias foram se desenvolvendo, principalmente nas décadas de 1950 a 1960, a região Sudeste tornava-se cada vez mais atraente para migrantes em busca de oportunidades. E tanto Gomes (2006) quanto Coelho (2012) observam que esse crescimento urbano de São Paulo está relacionado não só aos processos de urbanização e industrialização, mas também aos fenômenos migratórios. Já, outro ponto levantado por esses autores vem salientar que os fluxos migratórios de nordestinos para a região Sudeste foram um dos maiores deslocamentos internos.

**Figura 1 - Migrações internas no Brasil a partir de 1950**



Migrações internas no Brasil a partir de 1950, destacando a região Sudeste como o maior receptor de migrantes. BRANCO, Anselmo Lazaro; MENDONÇA, Cláudio; LUCCI, Elian Alabi. **CAPÍTULO 9 – MIGRAÇÕES NO BRASIL.** 2014. Disponível em: <[http://www.geografiaparatodos.com.br/index.php?pag=capitulo\\_9\\_migracoes\\_no\\_brasil](http://www.geografiaparatodos.com.br/index.php?pag=capitulo_9_migracoes_no_brasil)>. Acesso em: 25 set. 2018.

É claro que existiram outros fluxos migratórios, como podemos observar na primeira figura; o que queremos destacar é que esse movimento populacional ficou marcado na história das migrações internas. E, se formos analisar a nossa história, ela é marcada por migrações, ou melhor, as migrações fazem parte da história do Brasil.

Portanto, dando sequência à nossa análise, destacamos outro fluxo migratório, formado pelos gaúchos e paranaenses, sobretudo a partir da década de 1960, sendo chamado de ‘frentes pioneiras’ ou ‘fronteiras agrícolas’. Esse fluxo foi responsável pelo desmatamento das áreas do Cerrado e das florestas das regiões Centro-Oeste e Norte (BAENINGER, 2015).

No Centro-Oeste prevalece a migração inter-regional, pois essa Região caracteriza-se como área que "libera" grande número de pessoas [...] ela passou de fronteira agrícola em expansão para fronteira agrícola consolidada [...]. Há ainda fortes deslocamentos populacionais com destino às capitais e aos municípios vizinhos. É uma Região caracterizada como uma espécie de "corredor", ligando o Sul ao Norte (VALE; LIMA; BONFIM, 2015, p.25).

Nesse contexto, vale ressaltar que tanto os gaúchos quanto os paranaenses já produziam soja na Região Sul (BAENINGER, 2012, p.77), só que, analisando o clima do Sul, é totalmente diferente das regiões Centro-Oeste e Norte. Contudo, esses migrantes conseguiram adaptar o ambiente em busca de novas terras para o plantio, resultando na grande produção de soja (HASENBALG, 1991).

Já, na década de 1970, ocorreu outro processo migratório. Estamos falando da migração de nordestinos para a região Norte, e um dos motivos desse fluxo foram os programas criados pelo governo militar, com o objetivo de incentivar a ocupação da Amazônia (VALE, 2004, p.33). Consequentemente, resultou na ida de muitos nordestinos para essa região, em busca não só de terras, mas de oportunidade de se estabelecer.

**Figura 2 - Mapa das migrações internas no Brasil a partir da década de 1970**



BRANCO, Anselmo Lazaro; MENDONÇA, Cláudio; LUCCI, Elian Alabi. **CAPÍTULO 9 – MIGRAÇÕES NO BRASIL.** 2014. Disponível em: <[http://www.geografiaparatodos.com.br/index.php?pag=capitulo\\_9\\_migracoes\\_no\\_brasil](http://www.geografiaparatodos.com.br/index.php?pag=capitulo_9_migracoes_no_brasil)>. Acesso em: 25 set. 2018.

Está figura destaca como ficaram distribuídas as migrações internas na década de 1970, entre o Sul, o Sudeste, o Centro–Oeste e a região Norte. A

partir da década de 1980, a migração interna se torna muito complexa, e, nesse caso, é preciso compreender o contexto histórico de 1980 e 1990, no qual o Brasil passou por crises que afetaram vários setores da economia (MARTINE; CARVALHO, 1989, pp. 61,91).

Na década de 1980, o Brasil era governado pelos militares. Vivíamos um período de ditadura militar, além do cenário de uma crise que afetou vários setores. Alguns autores apontam que essa crise se iniciou em 1973, com a crise do petróleo, agravando-se ainda mais nos anos de 1980, e teve como consequência a paralisação do crescimento econômico (HASENBALG, 1991).

A crise dos anos 1980 ficou marcada pelo esgotamento do projeto de desenvolvimento e da matriz industrial, a crise da dívida externa, o redirecionamento de capitais, a falência financeira do Estado brasileiro, agravando-se frente à inexistência de um novo projeto nacional (BRUM, 2011 apud FIGUEREDO; ZANELATTO, 2017, p.81).

Com essa paralisação, várias indústrias entraram em falência, principalmente em São Paulo e Rio de Janeiro. As empresas que conseguiram sobreviver tiveram ajuda da ação estatal de incentivos fiscais regionais, em que muitas indústrias se deslocaram para as regiões que ofertavam esses incentivos, como foi o caso da região Sul e Sudeste, e depois se estendeu para outras regiões. Esse processo ficou conhecido como descentralização industrial<sup>1</sup> (LISBOA, 2004; BAENINGER, 2015; AYDOS, 2015).

O resultado dessa descentralização foi a criação de polos industriais espalhados em todo o Brasil, os quais se expandiram por quase todo o território nacional. Já, “no início dos anos de 1990, a situação econômica brasileira piorou ainda mais, devido principalmente ao Plano Collor” (CARDOSO, 2012, p. 770). E, no final dessa década, o Brasil investiu em novas políticas de incentivos.

Nesses dois cenários (1980 e 1990), e início de 2000, podemos pontuar que “os movimentos migratórios ganham novas dinâmicas, inaugurando novos espaços de atração populacional, diferentes dos anteriores” (LISBOA, 2004, p.87), que se concentravam na região Sudeste e nas fronteiras agrícolas, no Centro-Oeste, como já citado nesta discussão.

---

<sup>1</sup> Processo que se caracteriza tanto pela diminuição do ritmo de crescimento da indústria nos grandes centros urbanos, como pelo aumento do número de empresas que preferem transferir suas atividades instalando novas unidades de produção em cidades menores.

**Figura 3 - migrações a partir da década de 1990**



Destaca as migrações a partir da década de 1990, evidenciando outros fluxos migratórios, mas ainda nos apresenta a região Sudeste sendo o maior receptor de migrante.

BRANCO, Anselmo Lazaro; MENDONÇA, Cláudio; LUCCI, Elian Alabi. **CAPÍTULO 9 – MIGRAÇÕES NO BRASIL.** 2014. Disponível em: <[http://www.geografiaparatodos.com.br/index.php?pag=capitulo\\_9\\_migracoes\\_no\\_brasil](http://www.geografiaparatodos.com.br/index.php?pag=capitulo_9_migracoes_no_brasil)>. Acesso em: 25 set. 2018.

Com os novos movimentos migratórios, a figura 3 destaca como estabeleceu as reorganizações das migrações internas no Brasil, e isso ocorreu devido à descentralização industrial<sup>2</sup>, dividindo os fluxos migratórios por diversas regiões do território nacional. A figura 3 ainda nos mostra que, apesar dessa reestruturação, a migração para o Sudeste se destaca em comparação a outras regiões. Outro ponto importante que observamos nessa pesquisa está relacionado às fronteiras agrícolas, ou melhor, hoje, elas já não se concentram na região Centro–Oeste, e sim na região Norte, em consequência, os vários conflitos territoriais que acontecem naquela região (BAENINGER, 2012).

<sup>2</sup> A descentralização industrial é o processo através do qual as indústrias migram dos grandes polos industriais para cidades menores com condições favoráveis para a produção, esse processo ocorreu após a década de 1990 no Brasil, onde muitas empresas se instalaram em outras cidades e isso ocasionou a diminuição de migração, pois muitas pessoas deixaram de migrar pelo fato de sua cidade oferta emprego nas industriais que se instalam em suas cidades de origem.

Os fluxos migratórios ocorridos na década de 1990 e na primeira deste século concorreram para transferir contingentes entre regiões, todavia, a reduzida geração de empregos impossibilitava sua absorção plena pelos mercados de trabalho, entretanto, nos últimos anos, fatores como a desconcentração e o aumento da oferta de empregos, aliado à melhora no padrão de rendimentos, tanto na área urbana quanto na rural, contribuíram para reduzir os incentivos para as migrações internas (BRUM, 2011 apud FIGUEREDO; ZANELATTO, 2017, p.88).

E, diante de todas essas mudanças, os novos estudos sobre migrações internas (BAENINGER, 2015; LISBOA, 2004; GONÇALVES, 2001) nos apresentam novos caminhos para entendermos os motivos desses fluxos. Esses estudos apresentam que o fator econômico<sup>3</sup> não é mais o fator determinante para o processo migratório. Como nos apresenta Lisboa:

[...] dos novos movimentos migratórios brasileiros, os fatores determinantes não são mais os mesmos, tendo sofrido alteração a partir da mudança da própria natureza da migração. Percebe-se que os fatores econômicos não apresentam predominância significativa sobre os fatores não econômicos[...] (LISBOA, 2004, p.93).

Analisando esta pesquisa, podemos perceber que, desde o início do século XX, até os dias atuais, as migrações internas foram ganhando vários caminhos. Antes da década de 1970, a região Sudeste era considerada como polo atrativo, mas significativo para muitos migrantes, em seguida da região Centro-Oeste, com as fronteiras agrícolas.

Com a descentralização Industrial, outras regiões se formavam como polos atrativos, distribuindo a população em torno dessas regiões, e isso ocasionou um retorno de muitos migrantes para sua região de origem, principalmente no período de 1981-1991, “com o movimento de retorno aos estados de nascimento, os quais também contribuíram para a elevação no

---

<sup>3</sup> Com relação aos fatores econômicos, tanto os estudos de Rosana Baeninger, quanto de Severina Sarah Lisboa vão apresentar que após o processo de desconcentração industrial que ocorreu no Brasil depois das duas crises: de 1980 e 1990, outras regiões incentivaram as poucas indústrias que conseguiram sobreviver no Sudeste para se instalarem nas regiões que aderiram esses investimentos como o Sul, Centro-Oeste, Norte e Nordeste. Nesse caso, os nordestinos que migraram antes migravam para o Sudeste não precisavam mais migrar para essa região, pois algumas indústrias se instalaram no Nordeste ofertando emprego, e isso aconteceram também nas outras regiões devido aos incentivos, e de acordo com Baeninger e Lisboa, diante dessa situação houve uma diminuição nos processos migratórios, e com ele o fator econômico também reduziu não sendo o mais determinante, nos motivos dos migrantes para migrar, surgindo assim, outros motivos nesse processo como laço entre amigos e parentes que migraram.

número de estados ganhadores” (BAENINGER, 2015, p.12). Com relação a esses estados ganhadores, Baeninger explica que:

[...] Mantiveram-se como área de absorção de fluxos de longa distância, os estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Goiás e Distrito Federal, que canalizaram os fluxos do Nordeste; 3) Houve a recuperação migratória no âmbito inter-regional de “espaços perdedores” no âmbito nacional, especialmente os estados nordestinos; 4) Houve o surgimento e consolidação de polos de absorção migratória no âmbito inter-regional e intra-regional, com a maior parte dos estados tornando-se “ganhadores” de população - mesmo que estes ganhos estejam circunscritos a contextos regionais específicos, como é o caso de Santa Catarina (BAENINGER, 2015, p.12).

Nesses Estados ganhadores, destacamos a região Sul, considerada, nas pesquisas do IBGE<sup>4</sup>, como uma das regiões que mais atraem migrantes. Em se tratando dos Estados da Região Sul, destacamos Santa Catarina, composta por 295 municípios<sup>5</sup>, e, entre eles, destacamos Criciúma. Nossa próxima abordagem terá com finalidade entendermos como a cidade se tornou um polo atrativo para a vinda de muitos migrantes de diversos lugares do país.

## 2.1 CRICIÚMA COMO POLO ATRATIVO PARA A MIGRAÇÃO

Quando nos propomos a estudar o município de Criciúma como um polo atrativo para migrantes, logo nos deparamos com a presença do carvão, que, durante muito tempo foi um fator determinante para o desenvolvimento desse município. Além disso, a prosperidade do carvão fez com que essa cidade se transformasse em referência da região Sul.

Criciúma teve como fator impulsionador de seu desenvolvimento urbano, populacional e econômico a atividade carbonífera. Foi por meio dessa atividade que, em 1946, recebeu o título de “Capital Brasileira do Carvão”. A cidade possuía diversas características atreladas ao carvão, já que a atividade deixava marcas na cidade e em seus moradores (CARDOSO, 2010, p.01).

Segundo o historiador Dorval do Nascimento (2006), a exploração desse produto se efetivou a partir da década de 1910, sendo assim, em 1919, saíram os primeiros vagões carregados de carvão de Criciúma até a cidade de

---

<sup>4</sup> Pesquisa publicada nos censos de 2015.

<sup>5</sup> Dados analisados pelo IBGE (2017).

Laguna. Mas, só foi a partir da Segunda Guerra Mundial que o setor carbonífero em Criciúma começou a se efetivar, devido à necessidade deste produto não só nacionalmente, nas indústrias siderúrgicas, como a principal fonte consumidora, mas sim internacionalmente, com grandes exportações no mercado internacional.

Analisando a obra do historiador Carlos Renato Carola (2002), o autor salienta que o carvão teve cinco fases datadas da seguinte forma: 1880, 1931, 1953, 1973, 1985; sendo que, de todas essas fases, o carvão passou por momentos de crise. Contudo, Carola destaca que a quarta fase foi uma das mais importantes, quando a produção atingiu cerca de 19 milhões de toneladas, empregando 15 mil trabalhadores nas minas, e, nessa fase, a extração do carvão se tornou bastante representativa para a economia da região (CAROLA, 2002, p.23). Sendo assim, Carola nos mostra que:

Nesse ano, havia cerca de 15 mil trabalhadores nas minas, e a produção de carvão bruto atingiu mais de 19 milhões de toneladas, maior índice da história. A partir de 1985 começa o processo de redução dos subsídios e abrem-se as portas para o carvão importado. (CAROLA, 2002, p. 23).

Entretanto, a historiadora Michele Gonçalves Cardoso (2011) nos aponta que a quinta fase foi marcada por um momento de decadência, um ciclo bem difícil, não só pela crise do carvão, mas também pelo contexto histórico em que a política do Brasil se encontrava, a partir da qual o governo Collor realizou cortes de subsídios para diversos setores, e esses cortes foram sentidos diretamente nas atividades econômicas do carvão, que, durante muito tempo, foi o centro da economia cricumense (CARDOSO, 2011, p. 26).

Neste viés, Nascimento (2006, p. 52) ressalta que, antes desta crise, no ano de 1960, já se buscava em Criciúma uma diversificação da economia. Nesse sentido, a Associação Comercial e Industrial<sup>6</sup> iniciou uma campanha,

---

<sup>6</sup> Fundada em como Associação Comercial de Criciúma, a ACIC surgiu por uma iniciativa de diversos empresários no ano de 1944, sendo liderado na época pelo Antonio Roque, que permaneceu até 1951, ela foi fundada no Cine Rovaris em Criciúma. Logo em 1952 passou a ser chamada Associação Comercial e Industrial de Criciúma, com crescimento de entidades e a inclusão de empresas prestadoras de serviços em seu quadro de associado, foi transformado em Associação de empresarial de Criciúma no dia 31 de maio de 2001. Disponível em : BENEDET, João Abel. **Comerciantes do meu tempo: décadas de 1950 a 1980**, Criciúma 2012, p. 366.

propondo aos empresários locais que abrissem negócios, com o objetivo de atrair empresas externas ao município.

Posto isto, Cardoso (2011, p. 26) argumenta que foi nesse período que o setor cerâmico passou a receber estímulo, em que a política do sistema financeiro nacional de habitação impulsionou e dinamizou a produção de pisos e azulejos. Em 1985, essa atividade se tornou bastante significativa para a economia da região, empregando vários trabalhadores.

Na década de 1990, em consequência das grandes dificuldades econômicas que o Brasil enfrentava, muitos brasileiros foram buscar melhores condições de vida em outros países. Nesse cenário, muitos criciumenses se dirigiram para outros países. O destino mais visado foram os Estados Unidos.

O crescimento da migração no decorrer da década de 1980 pode estar relacionado ao contexto brasileiro do período. O país vivenciava o processo de redemocratização e sofria com a recessão econômica. A inflação era elevada e os planos visando à estabilização da economia foram de modo geral fracassados. A falta de oportunidades para os brasileiros neste período gerava uma insatisfação e a preocupação com o futuro do país. Assim, a perspectiva de sair do Brasil, tornava-se uma das alternativas para fugir da crise (CARDOSO, 2012, p. 769, 700).

É importante mencionar que, na década de 1990, diante de uma crise econômica que o Brasil enfrentava, as indústrias cerâmicas em Criciúma, que antes empregavam muitos trabalhadores, agora passavam por uma crise. Diante disso, Cardoso destaca que:

O declínio destas atividades gerou um sentimento de insegurança entre os criciumenses, pois, passou a representar um futuro profissional incerto para as novas gerações. É neste contexto, que podemos inferir que os criciumenses investiram em novas alternativas para fugirem da crise, sendo uma delas a migração (CARDOSO, 2012, p.773).

Sendo assim, muitos desses criciumenses que migraram para outros países, principalmente para os Estados Unidos, ao retornarem, começaram a investir o dinheiro conquistado na migração na compra de imóveis e na construção civil. Segundo Cardoso (2011), a construção civil criciumense foi favorecida pelo contexto econômico que o país vivenciava, com a estabilização econômica e com a implantação de programas de financiamento.

Ainda de acordo com a autora, “segundo as próprias construtoras, muito do dinheiro injetado nos empreendimentos imobiliários nos últimos dez anos eram procedentes de migrantes” (CARDOSO, 2012, p.781, 782). Esse período compreende do final da década de 1990 ao início de 2001. Nesse contexto, a autora aponta que:

O crescimento do setor foi tão grande que três construtoras criciumenses entraram no ranking das 100 maiores construtoras do país. Sendo assim, podemos inferir que os investimentos dos migrantes/retornados na cidade transformou drasticamente a paisagem urbana nos últimos anos (CARDOSO, 2012, p. 782).

Pelo exposto, observa-se que, diante desse crescimento econômico da construção civil, também se evidenciou a oferta de emprego nesse setor, sendo empregados vários trabalhadores, não só criciumenses, mas migrantes vindos de outras regiões. Mediante isso, o nosso objetivo foi mostrar que, nesses processos econômicos, este município passou a atrair várias pessoas, seja pela oferta de empregos, na prosperidade do carvão, na indústria cerâmica, ou no crescimento da construção civil.

## 2.2 FATORES ECONÔMICOS E SOCIAIS DO ESTADO DO PARÁ

O nosso objetivo para este tópico partiu do anseio de compreender as condições econômicas e sociais do estado do Pará, de onde vieram estes migrantes. Iniciaremos destacando o nome desse estado, Pará, tem origem indígena e vem da língua tupi, que significa “mar”<sup>7</sup>. Ele é um dos estados da região Norte e possui, atualmente, uma população de aproximadamente 8.513.497 habitantes, segundo os dados do IBGE de 2018. Além disso, ele é considerado o segundo maior estado em extensão territorial, só perde para o estado do Amazonas; suas fronteiras se limitam com seis estados: Amapá, Amazonas, Roraima, Mato Grosso, Maranhão, Tocantins, incluindo o Suriname e a Guiana Francesa (TAVARES, 2008). Podemos verificar na figura 4 abaixo.

---

<sup>7</sup> FALA BONITO. **Origem dos Nomes dos Estados do Brasil**. 2006. Disponível em: <<https://falabonito.wordpress.com/2006/09/30/origem-dos-nomes-dos-estados-do-brasil/>>. Acesso em: 9 set. 2018.

**Figura 4 - Mapa do Estado do Pará**



Evidencia o mapa do Estado do Pará, com as principais cidades paraenses, fronteiras com outros Estados e ainda limite com dois países: Suriname e a Guiana, mas também a Guiana Francesa um território Frances localizado na América do Sul, que segue os preceitos e normas francesas. Fonte: Bancos de dados do Estado do Pará.

GEOGERAL. **Pará**. 2017. Disponível em: <<http://geogeral.com/h/m/b/brpa.htm>>. Acesso em: 29 out. 2018.

Segundo o Diário Online do Pará (2016)<sup>8</sup>, “sua economia caracteriza-se pela diversidade de atividades como a extração do minério, alumínio, bauxita, manganês, ferro, ouro, caulim, estanho e calcário, sendo esses produtos, as principais atividades econômicas do estado”. Além disso, segundo o EMBRAPA<sup>9</sup> (2017), o Pará é o maior produtor de pimenta-do-reino do Brasil. Outro fator apresentado nesta pesquisa evidencia que São Félix do Xingu, um município paraense, se destaca na produção de banana no país.

E, além da produção da pimenta-do-reino e da banana, o Pará também se destaca “na extração de vegetais, como a castanha-do-pará, a borracha, a madeira, o dendê, o açaí, a mandioca, o cupuaçu, o bacuri, o taperebá, o murici, o abacaxi e o coco-da-baía” (PASCOAL, 2013, p.78-79). Segundo os dados do IBGE (2010), o valor da produção agrícola municipal paraense cresceu cerca de 170% entre os anos de 2006 a 2013. Esse levantamento registrou que o produto final das plantações no Estado alcançou R\$ 5,4 bilhões

<sup>8</sup>Diário Online do Pará é um jornal Online da Região Norte.

<sup>9</sup>Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária.

em 2013. Conforme o ADEPARÁ<sup>10</sup>, a agricultura é responsável por quase 40% da economia do Pará.

A importância da agricultura é tamanha que, das 12 cadeias produtivas inseridas no Programa Pará 2030, oito são do agronegócio, com destaque para a agricultura familiar. Entre essas culturas estão mandioca, açaí, cacau, cítricos e dendê, nas quais o Estado é líder ou ocupa posição de destaque (ADEPARÁ, 2017).

Sobressaem, ainda, as criações de búfalo, em sua maioria, criados na ilha de Marajó, onde a venda da carne, do leite e do queijo é fundamental para a economia paraense. Diante disso, o IBGE registrou que:

A produção agropecuária tem enorme importância na geração de emprego e renda no Estado do Pará, onde cerca de 230 mil estabelecimentos em 144 municípios serão visitados pelos recenseadores que coletam dados para o Censo Agro 2017. O estado é grande fornecedor de mandioca, soja e dendê, e disputa com a Bahia a posição de maior produtor de cacau do Brasil. Mas, ao olharmos as estatísticas, há um setor bem específico que salta aos olhos: a criação de búfalos na Ilha de Marajó (IBGE, 2017).

De acordo com uma nota do dia 16 de novembro de 2017, publicada pelo site de notícia G1<sup>11</sup>, “o PIB do estado do Pará foi de R\$ 130,9 bilhões e contribuiu com 2,2% do PIB nacional (R\$ 5.995,8 bilhões) e 40,8% do PIB da região Norte (R\$ 320,8 bilhões).” Diante desses resultados, o IBGE (2017) nos aponta que a economia paraense passou a ocupar a 11ª posição no ranking nacional.

Outro fator importante a ser mencionado, e que contribui bastante para a economia do Pará, é o mercado do Ver-o-Peso<sup>12</sup>, em Belém. Lá, encontramos uma feira livre, com o comércio de peixes amazônicos, cestos de açaí, ervas medicinais, artesanato marajoara, objetos de miriti, artigos religiosos, entre outros.

---

<sup>10</sup> É a Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Pará foi criada em 2002, com a missão de planejar e executar ações que promovam a sanidade e a qualidade da produção agropecuária.

<sup>11</sup> G1 é um portal de notícias brasileiro mantido pelo Grupo Globo e sob orientação da Central Globo de Jornalismo.

<sup>12</sup> É um mercado público localizado na cidade de Belém, foi inaugurada em 1625, portanto, é uma feira livre às margens da baía do Guajará reúne centenas de barracas de frutas, peixes, ervas medicinais, temperos, doces, essências, artesanato.

**Figura 5 - O mercado do Ver-o-Peso em Belém do Pará**



Destaca o mercado do Ver-o-Peso em Belém do Pará, esse estabelecimento é aberto todos os dias, das 6:30 às 17:00, com a vendas de diversos produtos, tanto para outras regiões como também para exportação, principalmente com a venda do açaí em caroço e do pescado amazônico. Essas informações estão disponíveis em: Fonte: PIXABAY. **Mercado de Peixe Ver-o-Peso.** 2018. Disponível em: <<https://pixabay.com/pt/mercado-de-peixe-ver-o-peso-bel%C3%A9m-50023/>>. Acesso em: 01 set. 2018.

**Figura 6 - Feira do Açaí no mercado do Ver-o-Peso**



A feira do açaí no Mercado do Ver-o-Peso, venda do açaí em caroço, as embarcações logo atrás são os meios de transporte utilizados pelos ribeirinhos, para levar o açaí para outras cidades paraenses.

CÂMARA, Rafael Sette. **A feira do açaí, em Belém:** vida noturna no Pará. 2018. Disponível em: <<https://www.360meridianos.com/dica/feira-do-acai-belem>>. Acesso em: 01 set. 2018.

**Figura 7 - Parte interna do mercado Ver-o-Peso**



Parte interna do mercado do Ver-o-Peso, com a venda de diversos peixes amazônicos, esses peixes são vendidos tanto para o consumo da população paraenses como também, para e exportação.

PIXABAY. **Mercado de Peixe Ver-o-Peso.** 2018. Disponível em: <<https://pixabay.com/pt/mercado-de-peixe-ver-o-peso-bel%C3%A9m-50023/>>. Acesso em: 01 set. 2018.

A venda desses produtos faz com que a economia do Estado se desenvolva, principalmente com o turismo, e, de acordo com o DIEESE<sup>13</sup>, as vendas da feira do Ver-o-Peso movimentam um milhão por dia; de acordo com esse órgão, só a venda dos pescados é de 12 a 15 toneladas por dia, e, em todo o estado, chega a quase 80. Além da venda dos pescados, o DIEESE ainda destaca a farinha de mandioca de 4 a 5 mil por dia, chegando a 100 toneladas de farinha por ano.

Como estamos nos referindo à economia do Pará, vale salientar uma manifestação que acontece em Belém no segundo domingo do mês de outubro, a procissão do Círio de Nazaré, que acontece há mais de 200 anos. Segundo o Diário Online, em 2017, essa procissão reuniu cerca de dois milhões de pessoas, contribuindo não só para a economia, mas também para o desenvolvimento do turismo, atraindo pessoas de diversos lugares.

**Figura 8 - Procissão do Círio de Nazaré em Belém do Pará (2017)**



O círio acontece todo ano no mês de outubro em Belém, no segundo domingo do mês de outubro e atraem, tanto a população paraense, como também, de outras regiões do Brasil e até internacionalmente, a cidade recebe muitos migrantes e esse evento aquece a economia paraenses.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Círio de Nazaré leva multidão às ruas de Belém.** 2017. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/10/1531391-cirio-de-nazare-leva-multidao-as-ruas-de-belem.shtml>>. Acesso em: 01 set. 2018.

---

<sup>13</sup> É o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos, uma instituição de pesquisa, assessoria e educação do movimento sindical brasileiro.

No que se refere ao ambiente natural, o Museu Paraense Emílio Goeldi<sup>14</sup> destaca a diversidade de sua fauna, exemplos são as araras, os papagaios, as tartarugas, as onças pintadas, a preguiça, as capivaras, entre outros. Já na flora o museu evidencia uma variedade de árvores como o açazeiro, a andiroba seringueira, a copaíba e diversas outras.

Na gastronomia, o paraense chama atenção por seus sabores peculiares, como o pato no tucupi, o tacacá, o peixe frito com açaí, a bacaba, a pupunha, a maniçoba, o vatapá, o caruru e muitos outros sabores (PASCOAL, 2013, p.73,80).

**Figura 9 - Prato típico: o tacacá**



Um dos pratos típicos da gastronomia paraenses o tacacá, é encontrado em quase todo os restaurante paraense, principalmente na feira do mercado do ver-o-peso.

PINHEIRO, Augusto. **Gastronomia paraense é a mais bem avaliada por turistas estrangeiros no Brasil, diz pesquisa.** 2017. Disponível em: <<http://br.rfi.fr/brasil/20170802-gastronomia-paraense-e-mais-bem-avaliada-pelos-turistas-estrangeiros-diz-pesquisa>>. Acesso em: 01 set. 2018.

---

<sup>14</sup> Fundado em 1895, o Museu Goeldi é o mais antigo do Brasil e possuem um parque temático da fauna e flora amazônicas. MUSEU GOELDI. **Fauna.** 2017. Disponível em: <<https://www.museu-goeldi.br/assuntos/colecoes/parque-zoobotanico/Fauna>>. Acesso em: 01 set. 2018.

**Figura 10 - O pato no tucupí**



Outro prato paraenses o pato no tucupí, também vendido em muitos restaurante paraenses, o tucupí é um líquido amarelado extraído da mandioca e após ser ferventado é consumido em diversos alimentos, como o frango, peru.

PINHEIRO, Augusto. **Gastronomia paraense é a mais bem avaliada por turistas estrangeiros no Brasil, diz pesquisa.** 2017. Disponível em: <<http://br.rfi.fr/brasil/20170802-gastronomia-paraense-e-mais-bem-avaliada-pelos-turistas-estrangeiros-diz-pesquisa>>. Acesso em: 01 set. 2018.

**Figura 11 - Maniçoba**



A maniçoba é um prato típico indígena, preparada com as folhas tenras da mandioca ou maniva, trituradas e acrescidas de carne suína e temperadas com alho, sal, louro, pimenta, ou

melhor os mesmos ingredientes da feijoada substituindo o feijão pela folha da maniva, cozinhada por uma semana, esse prato é uma das principais gastronomias paraenses, é procurado pelos turistas quando vão visitar Belém.

PINHEIRO, Augusto. **Gastronomia paraense é a mais bem avaliada por turistas estrangeiros no Brasil, diz pesquisa.** 2017. Disponível em: <<http://br.rfi.fr/brasil/20170802-gastronomia-paraense-e-mais-bem-avaliada-pelos-turistas-estrangeiros-diz-pesquisa>>. Acesso em: 01 set. 2018.

E, além da economia, da flora, da fauna e da gastronomia, não devemos deixar de mencionar o folclore paraense, como a marujada<sup>15</sup>, o festival do sairé<sup>16</sup> e a dança do carimbo<sup>17</sup>. Em se tratando do carimbo, é importante observar que, no ano de 2014, ele foi reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro pelo IPHAN<sup>18</sup>. Já, na década de 1990, foi introduzido na cultura paraense outro ritmo musical, chamado calypso<sup>19</sup> - uma dança que se mistura à brega paraense.

**Figura 12 - Carimbo**



<sup>15</sup> É uma festa popular que acontece em Bragança (PA).

<sup>16</sup> É uma manifestação religiosa que acontece na cidade de Alter do Chão (PA).

<sup>17</sup> O carimbo é um ritmo musical amazônico e também uma dança de roda de origem indígena.

<sup>18</sup> É uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Cultura que responde pela preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro.

<sup>19</sup> O ritmo se desenvolveu, sobretudo, na cidade de Belém do Pará devido aos shows e bailes em casas noturnas de periferia e pela divulgação feita pelos vendedores ambulantes da produção dos pequenos músicos locais. O calypso tem pouco vínculo com o calipso caribenho, já que a influência maior é a lambada, carimbo, guitarrada, merengue entre outros.

O carimbo é um tipo de dança de roda com uma dançarina no centro, ao som de instrumento de tambor, é considerado um gênero musical de origem indígena com influências da cultura negra e portuguesa, o cantor Pinduca (Aurino Quirino Gonçalves) é considerado no Pará o rei do carimbo, por compor várias musical de carimbo.

CDPARA. **Folclore**. 2017. Disponível em: <<http://www.cdpara.pa.gov.br/folclore.php>>. Acesso em: 01 set. 2018.

**Figura 13 - Festival do Sairé**



O festival acontece no município de Alter do Chão, próximo a cidade de Santarém. Essa cidade, localizada ao norte do Pará, é considerada a terceira cidade mais populosa do estado. A festividade do Sairé tem a duração de cinco dias com diversas atrações. Há muitas músicas e danças regionais apresentadas por artistas e grupos locais.

BELOALTER. **Conheça 5 curiosidades sobre o Festival Sairé!** 2017. Disponível em: <<https://blog.beloalter.com.br/conheca-5-curiosidades-sobre-o-festival-saire>>. Acesso em: 01 set. 2018.

**Figura 14 - Festival da Marujada**



O Festival da Marujada acontece em Bragança (PA), a marujada é considerada uma importante representação cultural, de caráter popular, do folclore brasileiro. Participam, das homenagens, homens (geralmente com os instrumentos musicais), mulheres (geralmente nas danças e encenações) e também crianças (nas encenações). Geralmente, os personagens da marujada usam roupas brancas com detalhes, vermelho ou amarelo.

SUA PESQUISA. **Marujada.** 2017. Disponível em: <<https://www.suapesquisa.com/folclorebrasileiro/marujada.htm>>. Acesso em: 01 set. 2018.

Essas três manifestações culturais são as principais do Estado do Pará que atraem vários turistas para essas cidades, contribuindo para o desenvolvimento turístico dessas cidades (Belém, Bragança, Alter do Chão).

Contudo, é necessário elencar outra realidade vivenciada pela população paraense, que está relacionada diretamente ao desemprego e à violência que assola aquele estado. No início dessa discussão, apresentamos alguns dados levantados pelo ADEPARÁ, Diário online, IBGE, EMBRAPA e pelo DIEESE sobre o desenvolvimento da economia paraense, só que esses números levantados não suprem a necessidade da população, que precisa de emprego para sua sobrevivência. Segundo o jornal a folha do congresso, o:

Pará atingiu a marca dos 8 milhões de habitantes em 2017. Mais precisamente 8.366.628 pessoas. O dado vem das estimativas populacionais divulgadas no último dia 30 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e a data de referência usada é 1º de julho de 2017. O Estado segue como 9º mais populoso do Brasil e primeiro do Norte. O estudo apontou ainda uma tendência de aceleração de crescimento demográfico com percentual de 1,14% a

mais de habitantes comparado a 2016. Segundo o IBGE, Belém é o município mais populoso do estado, com 1.452.275 habitantes. Na estimativa nacional, a capital aparece em 12º lugar entre as 17 com mais habitantes no país<sup>20</sup>.

Analisando esse número, é evidente perceber a grande procura por emprego. Diante desse contexto, o Diário do Pará nos apresenta que:

Acaba de ser divulgado um estudo do Ministério do Trabalho que mostra uma triste realidade para o povo paraense. Segundo o relatório do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), o Pará é líder em taxas de desemprego da região Norte. No 1º semestre deste ano, cerca de 120 mil pessoas foram demitidas no Estado, acima dos 114,1 mil contratados. E os dois municípios que mais sofrem com o desemprego, em todo o Norte, também ficam aqui: Altamira e Canaã dos Carajás. No primeiro semestre deste ano, Altamira demitiu 6,2 mil trabalhadores e contratou apenas 2,8 mil. Isso representa um saldo negativo de 3,4 mil postos de trabalho, uma queda de 16,2% no número do emprego formal nos 6 primeiros meses de 2017, em comparação a 2016 (DIÁRIO DO PARÁ, 2017).

Além disso, analisando as cidades paraenses, percebemos que são muito carentes, ou melhor, conforme uma publicação dos dados do IDHM<sup>21</sup> sobre os municípios paraenses, destaca-se que 67% dos municípios paraenses apresentam um baixo desenvolvimento humano, sendo que Belém ficou em 628º lugar com o desenvolvimento de 0,746. Nos outros municípios, esses números diminuem mais ainda.

---

<sup>20</sup> Pará tem mais de 8 milhões de habitantes em 2017, estima IBGE. FOLHA DO PROGRESSO. **Pará tem mais de 8 milhões de habitantes em 2017, estima IBGE.** 2017. Disponível em: <<http://www.folhadoprogresso.com.br/para-tem-mais-de-8-milhoes-de-habitantes-em-2017-estima-ibge/>>. Acesso em: 01 set. 2018.

<sup>21</sup> O Índice de Desenvolvimento Humano é uma medida comparativa usada para classificar os países pelo seu grau de 'desenvolvimento humano' e para ajudar a classificar os países como desenvolvidos, esses dados são levantados a cada 10 anos, em parceria com o IBGE, esses dados acima foram publicação em 2010, último levantamento.

**Figura 15 - Dados publicados pelo IDHM**

Ranking Pará	Ranking Brasil	Município	IDHM
1º	628º	Belém	0,746
2º	1362º	Ananindeua	0,718
3º	1454º	Parauapebas	0,715
4º	2161º	Santarém	0,691
5º	2524º	Marituba	0,676
6º	2598º	Canaã dos Carajás	0,673
6º	2598º	Castanhal	0,673
6º	2598º	Novo Progresso	0,673
6º	2621º	Redenção	0,672
10º	2716º	Marabá	0,668

Dados publicados pelo IDHM do desenvolvimento humano nos municípios paraenses. Fonte: Síntese do índice de desenvolvimento humano municipal – IDHM para o estado do Pará, p.02, 2010.

É importante acentuar outro ponto que essa pesquisa nos mostrou: a carência de infraestrutura de transporte, sendo que existem vários municípios paraenses que se encontram praticamente isolados, o que dificulta o acesso a essas populações, não apenas dos serviços de saneamento básico, mas também da educação. Segundo Conduru, “o saneamento básico do estado do Pará, não cobre todos os municípios paraenses” (CONDURU, 2012, p.102). Em consequência, vê-se o número elevado de paraenses com apenas ensino básico, além do nível de doenças. E, ainda analisando as pesquisas de Conduru, esse autor vai nos apresentar que:

[...] o crescimento econômico e populacional do Pará não tem ocorrido de forma equilibrada e sustentável. Isso pode ser atribuído, em parte, à falta de acesso de boa parte de sua população a serviços de saneamento básico e educação, por exemplo. Apesar disso, há também outras variáveis que influenciam esses resultados. Entre elas, está o acesso às cidades com melhor infraestrutura, que, na maior parte da região, é limitado ao modal fluvial, onde existem várias cidades quase que completamente isoladas [...] (CONDURU, p.105).

Assim, entende-se que o Estado do Pará enfrenta dificuldades como outro qualquer estado do Brasil, embora cada um tenha as suas particularidades. No caso do Pará, os estudos que realizamos para essa

temática nos apontam que algumas dificuldades que o estado apresenta estão relacionada à falta de emprego, à violência e ao saneamento básico. Existem outras situações; só estamos enfatizando o que a pesquisa nos mostrou.

Por outro lado, vale ressaltar que, no início dessa discussão, apresentamos o fator econômico do Pará, que se destaca não só com agricultura familiar, mas também com a extração do minério, do alumínio, da bauxita, do manganês, entre outros produtos que contribuem para o desenvolvimento do Estado. Contudo, salientamos que esse desenvolvimento não acompanha o ritmo da população, que necessita de emprego, e isso faz com que alguns paraenses tomam a atitude de migrar para outras regiões.

### 2.3 A IMPORTÂNCIA DAS REDES SOCIAIS NO PROCESSO MIGRATÓRIO

Quando iniciamos a pesquisa para este trabalho, verificamos que as redes sociais são muito importantes nesse processo migratório ou talvez possamos dizer que as redes sociais são um fator de direção de muitos indivíduos que desejam migrar. Assim, nosso objetivo neste tópico é salientar a importância das redes sociais.

Para isso, analisamos alguns autores que trabalham nessa linha de pesquisa encontramos os estudos de Michele Gonçalves Cardoso, em sua pesquisa: *De volta para casa: A inserção dos retornados a cidade de Criciúma* (2011), essa autora ressalta que “as redes sociais podem ser compreendidas como mecanismos facilitadores no processo migratório”. Cardoso também destaca que essas redes servem como pontes de informações entre o local de origem e de destino migratório, que ajudam a diminuir os riscos do projeto migratório (CARDOSO, 2011). Segundo essa autora as redes sociais são:

[...] conexões estabelecidas através das redes sociais entre o lugar de origem e o destino migratório evidenciam que as redes auxiliam no direcionamento do fluxo migratório. Isso se dá porque as informações entre os locais são transmitidas com facilidade (CARDOSO, 2011, p.40).

De acordo com a antropóloga Glaucia de Oliveira de Assis, autora que também trabalha na perspectiva da visibilidade para a importância das redes sociais, em sua tese: *De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de*

*gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros (2004)*. Assis nos apresenta que “o processo migratório emerge numa trama de relações que se constroem entre os dois lugares – as redes sociais na migração” (ASSIS, 2004, p. 24). Assis enfatiza ainda, que as redes “atuam no sentido de viabilizar o projeto” (ASSIS, 2004, p. 26).

Nesse viés, podemos entender as redes como um amparo para aqueles migrantes que estão chegando a seu local de destino, logo, entendemos que essas redes podem ser: um conterrâneo ou um parente que migrou a mais tempo, acolhendo, ajudando, orientando, até o estabelecimento do migrante. Assim, na opinião de Cardoso:

As redes asseguram a continuidade do fluxo através do tempo. As trocas de informações entre os lugares, as remessas enviadas pelos migrantes, a “propaganda” que muitos parentes fazem em torno das “facilidades” [...] a manter vivos os elos entre os lugares e auxiliam muitos [...] a migrar (CARDOSO, 2012, p.61).

Para tanto, vale salientar que, nesse processo, existem diversas formas de ajudar. Observamos também que essas redes são muito importantes para que o processo migratório não se torne tão difícil. Portanto, “as redes revelam que a migração é um projeto econômico, familiar e afetivo, o qual envolve aqueles que partiram e aqueles ficaram no processo” (ASSIS, 2004, p.69).

Estas redes possibilitam ao emigrante contatar os mecanismos e agenciadores que facilitam o processo na cidade de origem, ser recebido por parentes ou amigos no aeroporto e conseguir colocação no mercado de trabalho (SIQUEIRA, 2011, p.4).

Em torno desses estudos, verificou-se a relevância das redes sociais, como um alicerce para aqueles emigrantes que estão chegando, pois, ter um auxílio no local de destino ajuda a diminuir as limitações de estar em um local novo, pois essas redes “são importantes nos primeiros momentos e na permanência do migrante no local de destino” (ASSIS, 2004, p. 109).

### 3 ANALISANDO A TRAJETÓRIA DOS PARAENSES: PESQUISA DE CAMPO EM CRICIÚMA

Discutiremos, nesta seção, a metodologia que utilizamos nesta pesquisa, que se dividiu em duas etapas. Na primeira, foram realizadas três entrevistas<sup>22</sup>, que só foram possíveis pelo fato de termos uma relação próxima com o objeto de estudo. Assim, em uma conversa informal, esses migrantes aceitaram participar da pesquisa, assinando o termo de aceite para este trabalho.

Mediante esses consentimentos, essas entrevistas foram realizadas na cidade de Criciúma, nos dias 08, 10 e 13 de agosto de 2018, com três paraenses (Maria, Marcos e Rodrigo)<sup>23</sup>, todos vindos da cidade de Belém do Pará. De acordo com o sociólogo Antônio Carlos Gil, esse tipo de entrevista que realizamos é uma:

Técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação (GIL, 2008, p.109).

Ao que tange à duração das entrevistas, foram entre 9 a 12 minutos, registradas por um gravador, sendo realizadas 16 perguntas. Ao elaborar essas questões, procurou-se ser o mais objetivo possível, com a finalidade de alcançar as nossas expectativas, destacando as experiências migratórias desses paraenses.

Outro fator verificado para esta entrevista, foram os locais de suas realizações, uma vez que, segundo Thompson (1998, p.265), “elas devem ser um local onde o entrevistado se sinta à vontade. Em geral, em sua própria casa”, analisando essa contribuição de Thompson, deixamos os entrevistados escolherem os locais das entrevistas, sendo assim, duas foram gravadas em

---

<sup>22</sup>O roteiro da entrevista está no apêndice deste trabalho, com relação esses roteiros não foram utilizados todas as respostas das questões nessa pesquisa, pois optou-se a ser bem objetivo nas respostas do problema, as outras questões foram apenas para compreender melhor esses paraenses.

<sup>23</sup>Mesmo tendo o termo de consentimento, optou-se em não revelar os nomes desses migrantes, sendo assim, utilizaremos pseudônimos.

suas residências e uma na igreja Assembleia de Deus do bairro Centro, pois, segundo os entrevistados, se sentiriam mais à vontade nesses ambientes. Além da contribuição de Thompson para compreendermos este método, o sociólogo Otávio Cruz Neto nos orienta que:

A entrevista é o procedimento mais usual no trabalho de campo. Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais. Ela não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta de fatos relatados pelos atores, enquanto sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada... (CRUZ NETO, 1994, p.57).

Além dessas observações apontadas por este autor, Marlene Almeida de Ataíde acrescenta ainda que:

[...] o pesquisador deve possuir sensibilidade, e acima de tudo estabelecer uma relação de confiança e respeito mútuos, para que não necessite induzir o entrevistado a respostas que apenas o pesquisador deseja ouvir. Portanto, é essencial que a questão da ética esteja permeando a relação a partir da abordagem preliminar [...] (ATAÍDE, 2016, p.165).

Mediante essas contribuições, essas entrevistas foram analisadas numa perspectiva de tentar entender as particularidades de cada migrante, com a finalidade de compreender não só a vinda, mas a atual situação desses migrantes em Criciúma. E, para isso, buscamos articular os relatos dos entrevistados ao contexto social no qual estão inseridos.

Com relação aos entrevistados, faz-se necessário registrar nesta escrita as dificuldades de se trabalhar com a história oral, porque, nessa caminhada, encontramos alguns desafios, ou melhor, dos sete migrantes que concederam as entrevistas, quatro desistiram após dois meses das realizações da entrevista, pedindo de volta os documentos de consentimento que assinaram para esta pesquisa. Esse fato foi um dos motivos para não registrarmos, neste trabalho, os nomes dos migrantes que concederam as entrevistas, optando pela utilização de pseudônimos.

No que se refere a essas dificuldades, a historiadora Marieta de Moraes Ferreira, em seu estudo sobre os *Desafios e dilemas da História oral*, nos aponta que “lidar com testemunhas vivas, que podem vigiar, e contestar o

pesquisador, afirmando sua vantagem por terem presenciado o desenrolar dos fatos” (FERREIRA, 1998, p. 3). Esse é um dos obstáculos que o pesquisador tem que enfrentar com as fontes orais. Mediante esse acontecimento, percebemos, na prática, os desafios para quem se propõe a se trabalhar com a história oral, e por este motivo optamos em complementar as fontes orais com a realização de um questionário.

A aplicação dos questionários<sup>24</sup> foi a segunda metodologia que utilizamos nesta pesquisa. Para entendermos como esse método funciona, analisamos algumas obras, entre elas, destacamos *Método e técnica de pesquisa social* (2008), de Antônio Carlos Gil. Nesse estudo, Gil dedica o décimo segundo capítulo para abordar a importância do questionário nas pesquisas científicas, destacando o conceito, as vantagens, mas também as desvantagens de se trabalhar com esse método.

E, em se tratando da metodologia do uso de questionários, Gil destaca que “pode ser definido como um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do pesquisador (GIL, 2008, p.121)”.

Já, a segunda obra que analisamos, é da autora Sonia Vieira, *Como Elaborar Questionários* (2009). Este texto de Vieira nos apresenta que as perguntas do questionário devem ser claras e objetivas, principalmente a linguagem textual, contendo palavras mais simples possíveis, não induzir ou sugerir as respostas. E, nesse sentido, a autora destaca que as vantagens da aplicação desse método são diversas, um exemplo seriam os números elevados de participantes, devido ao questionário ser distribuído em vários locais.

Por outro lado, Gil (2008) nos alerta para a desvantagem de se trabalhar com essa metodologia, ou melhor, ele salienta que a prática deste trabalho é repleta de riscos, devido às várias situações que vão ocorrendo no decorrer do retorno desses questionários, no qual muitos retornam sem respostas, assim como a devolução tardia, que prejudica sua utilização ou a ausência do retorno, como foi o caso desta pesquisa.

---

<sup>24</sup>O roteiro do questionário está no apêndice deste trabalho, assim como o roteiro das entrevistas também não utilizados nessa discussão todas as respostas do questionário, apenas com intuito de entender um pouco esses migrantes.

Dos 40 questionários aplicados, voltaram apenas 13. Diante essa situação, entendemos que em toda e qualquer pesquisa de campo, existem seus riscos, mas, apesar do retorno totalizar 13 questionários, conseguimos traçar um resultado favorável para esta pesquisa. Verifica-se as questões aplicadas no questionário abaixo:

Com relação aos locais de distribuição dos questionários, foram em quatro lugares: Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, Hotel IBIS, Assembleia de Deus do bairro São Sebastião e Assembleia de Deus do bairro Centro. Optamos por esses lugares pelo fato de conhecermos alguns paraenses que frequentam esses ambientes, seja por motivo de trabalho (Hotel IBIS), de estudo (UNESC) ou congregar nessas igrejas (Assembleia de Deus), que aceitaram responder esses questionários, contribuindo, assim, para a realização desta pesquisa.

Além das contribuições das entrevistas e do questionário, também procuramos conversar com o pastor da Assembleia de Deus do bairro São Sebastião. Nessa conversa, o pastor nos apresentou que nesta congregação estão cerca de 40 paraenses, vindos de diversas cidades do Estado do Pará. Essas informações estão contidas nos registros administrativos da igreja, pois, segundo o pastor, “quando alguém chega com carta de mudança vindo de outro local, para se congregar nesta igreja, os dados dessas pessoas passam para o setor administrativo”.

Com relação à Assembleia de Deus do bairro Centro, agendamos diversas vezes uma conversa com o pastor, porém, não obtivemos um retorno. Contudo, conseguimos conversar com o regente do coral, que relatou que, dos 40 participantes do coral, 15 são paraenses. Já, no hotel Ibis, marcamos uma conversa com o gerente, e, nesse diálogo, ele relatou: “estão trabalhando 05 colaboradores paraenses, todos vindo da cidade de Belém do Pará”.

Na Universidade do Extremo Sul Catarinense, não conseguimos fazer um levantamento do número de estudantes paraenses que estão matriculados nesta instituição, mas, no convívio diário do ambiente acadêmico, observamos 10 paraenses matriculados no curso de licenciatura (Pedagogia 3, Geografia 2, Artes Visuais 1, Educação Física 2, Matemática 2). Essas observações somente foram possíveis pelo fato de que a pesquisadora está matriculada em

um curso de licenciatura. Assim, não teríamos dados sobre outros paraenses matriculados em cursos de outras áreas do conhecimento.

Em uma conversa informal com dois paraenses no curso de Pedagogia, esses nos apresentaram outros paraenses, e, tecendo essas informações, conseguimos contato com esses migrantes, totalizando 10 paraenses. No diálogo com esses migrantes, analisamos que todos esses estudantes possuem bolsa de estudo, e vieram de várias cidades do Pará.

### 3.1 HISTÓRIAS E EXPERIÊNCIAS CONTADAS POR PARAENSES EM CRICIÚMA

Este tópico irá evidenciar os resultados da pesquisa fazendo um diálogo entre as entrevistas e as respostas dos questionários. Como iremos fazer uma discussão entre esses resultados, selecionamos algumas perguntas diferenciadas entre os roteiros (entrevistas e questionários), com a finalidade de dialogar com essas informações. Assim, iremos enfatizar os resultados desta pesquisa, destacando tanto os motivos, a adaptação, as dificuldades e como ocorreu o deslocamento desses migrantes para Criciúma.

Sendo assim, os resultados evidenciaram que as idades desses migrantes que participaram da pesquisa variam entre 32 a 83 anos. Já a primeira pergunta do questionário: qual a cidade do Estado do Pará que você nasceu? Identificou que esses migrantes vieram de diversas cidades do Estado do Pará: Belém - 9, Salinópolis - 1, Bragança - 2, Santa Maria -1, Santa Izabel - 1, Peixe-Boi -1, Melgaço -1<sup>25</sup>.

Lembrando que estão incluídos nesses dados tanto os participantes das entrevistas, quanto dos questionários. Dessa forma, esses resultados ressaltaram que esses migrantes vieram de sete cidades paraenses, já os números de migrantes por cidades variam com predominância a capital Belém, com nove pessoas, e as demais, como Bragança, duas pessoas, enquanto das outras (Salinópolis, Bragança, Peixe – boi, Santa Maria, Melgaço e Santa Izabel) migraram um de cada cidade.

---

<sup>25</sup> O número ao lado das cidades evidencia a quantidade de migrantes que vieram desse local.

Mediante esses dados, questionamos aos três paraenses que participaram das entrevistas como eram suas vidas em Belém. O entrevistado Rodrigo<sup>26</sup>, que migrou para Criciúma no ano de 2007, relatou que:

Belém eu tinha...uma rotina bem corrida assim..., eu trabalhava no hospital do Estado e exercia uma outra função de taxista nos horários vagos<sup>27</sup>.

No entanto, analisando os relatos dos demais entrevistados, Maria<sup>28</sup> e Marcos<sup>29</sup>, vindos de Belém, no ano de 2017, que responderam que:

[...] Devido à falta de emprego e a violência, tá bem complicada, e... antes quando, eu sair de lá, tava bem complicada por esse motivo, por esses motivos<sup>30</sup>.

[...] Olha não era muito tranquila, por coisa da violência quem nos temo na nossa cidade e... pra mim era uma dificuldade de sair entendeu... apesar que minha família todos estão ali e peço muito a Deus que proteja eles que... num nosso Estado é índice violento os Estado do Norte e tumbém é pro esque que gera a violência do nosso Estado pro cousa do desemprego eu tenho também uns filhos de criação qui...eu tenho da relacionamento meu da minha primeira esposa que é falecida todos ali só trabalham mermo incostado de bico que num tem uportunidade de carteira assinada num nosso Estado<sup>31</sup>.

Analisando esses três relatos orais, podemos perceber que, na narrativa de Rodrigo, ele vivia uma vida estável, exercendo duas funções profissionais, enquanto que Maria e Marcos, já no processo migratório mais recente, em 2017, mencionaram o desemprego e a violência, os quais o Estado do Pará enfrenta atualmente. Em uma publicação mais recente, o Diário do Pará nos aponta que:

---

<sup>26</sup> Informação oral de Rodrigo (pseudônimos), obtida em entrevistas a Ana Paula Gonçalves, no dia 13 de agosto de 2018. O entrevistado migrou para Criciúma em 2007, hoje trabalha como autônomo na área da pintura.

<sup>27</sup> Entrevista com Rodrigo, concedida a Ana Paula Gonçalves, no dia 13 de agosto de 2018.

<sup>28</sup> Informação oral de Maria (pseudônimos), obtida em entrevistas a Ana Paula Gonçalves, no dia 10 de agosto de 2018. A entrevistada migrou para Criciúma em 2017.

<sup>29</sup> Informação oral de Marcos (pseudônimos), obtida em entrevistas a Ana Paula Gonçalves, no dia 08 de agosto de 2018. O entrevistado, nasceu em Belém do Pará, mas, seus pais são de Igarapé - Mirim (PA), localizado às margens do rio Igarapé, são ribeirinhos (habitante tradicional das margens dos rios), o entrevistado apesar de ter nascido em Belém, passou a maior parte de sua vida no Moju, o que caracteriza sua linguagem. O paraense migrou em 2017, no momento não está trabalhando.

<sup>30</sup> Entrevista com Maria, concedida a Ana Paula Gonçalves, no dia 10 de agosto de 2018.

<sup>31</sup> Entrevista com Marcos, concedida a Ana Paula Gonçalves, no dia 08 de agosto de 2018.

Ao que tudo indica 2018 não será diferente do ano que passou, pelo menos no que se refere à violência que assola a população em todo o Pará: de 1 a 17 de janeiro de 2018 já foram registradas 240 mortes violentas em todo o Pará, com a média diária de 14 mortes. Foram 206 homicídios, 8 latrocínios, uma lesão corporal seguida de morte e 25 mortes por intervenção policial. Apenas em Belém foram registradas 44 mortes violentas, sendo 41 homicídios, 2 latrocínios e uma morte por intervenção policial. A fonte é do Sistema Integrado de Segurança Pública (SISP) do Governo do Estado. Os números do período já superam a média de 2017, que foi de 12 mortes violentas por dia. (DIÁRIO ONLINE DO PARÁ, 2018, p.01).

Em se tratando deste índice de violência que o estado do Pará enfrenta, conversamos em um diálogo informal com esses migrantes, e eles nos relataram que morar em Criciúma é outra realidade, em comparação com seu estado de origem. Diante disso, o relato do Marcos nos apresenta que:

Criciúma é uma cidade tranquila, durante um ano que tou, aqui eu não vi uma violência uma ocorrência de um assalto, de um homicídio, muito bom aqui em Criciúma, diferente do meu estado, que dá até medo de pensar, eu vejo aqui uma outra realidade, foi muito difícil no começo, o povo daqui fica com um pé atrás, desconfiado, mas, depois, que vão conhecendo agente, eles começam a gostar, e vão abraçando essa causa. É um estado de oportunidade para quem quer alcançar e abraçar essa causa<sup>32</sup>.

Já, outro ponto que nos chamou atenção nos relatos, foi a dificuldade de se acostumar com a culinária criciumense. Quando apresentamos, no primeiro capítulo, os fatores econômicos e sociais do Estado do Pará, destacamos a gastronomia paraense com variedade de pratos (açai, pato no tucupi, tacacá, peixe frito com açai, bacaba, pupunha, maniçoba, vatapá, caruru), os quais dificilmente se encontram aqui em Criciúma. Percebemos o relato do Marcos:

Eu também estranhei a culinária de Santa Catarina que é totalmente diferente do meu estado, eu estranhei um pouco, mas eu fui me adaptando, eu já tou aqui a um ano e já tou me acostumando, com a culinária daqui que é totalmente diferente da minha<sup>33</sup>.

Podemos inferir, no relato de Marcos, como a cultura de destino influência de certo modo nos hábitos dos que vêm de fora, em que o migrante passa a adquirir costumes da cultura local, misturando-se a seus gostos por

---

<sup>32</sup> Entrevista Marcos, concedida à Ana Paula Gonçalves, no dia 08 de agosto de 2018.

<sup>33</sup> Entrevista Marcos, concedida a Ana Paula Gonçalves, no dia 08 de agosto de 2018.

novos hábitos alimentares, como foi o caso do Marcos, pois, após um ano que migrou, já se acostumou com a culinária criciumense.

Outro ponto que salientamos é que, dos 16 participantes desta pesquisa, dois vieram de São Paulo, e um do Rio de Janeiro. E no diálogo realizado com esses paraenses, observamos que suas adaptações foram tranquilas, pois já tinham passado por um processo migratório, e, nesse caso, já estava há mais de 10 anos fora do Estado do Pará; segundo eles: ter se mudado para Criciúma foi tranquila sua adaptação<sup>34</sup>.

Por outro lado, os paraenses que vieram do Pará com destino a Criciúma, responderam que o processo de adaptação foi muito complicado, devido não só ao clima, mas também ao contato com uma nova cultura; muitos responderam que até hoje ainda estão em processo de adaptação. Logo a seguir, vejamos algumas respostas:

No começo foi um pouco difícil, mas devido ao clima frio, mas com o passar do tempo fui me adaptando com a cidade e com o jeito das pessoas, por fim, acabei gostando muito de tudo<sup>35</sup>.

Demorei um pouco pra me adaptar, por conta do clima é bastante diferente com o do Pará<sup>36</sup>.

Tumbém, Cundo cheguei aqui comecei a sentir o clima, e... quando eu cheguei aqui em outubro tava frio, e.... como no meu Estado é 35 grau, eu,eu,eu estranhei, aqui o clima, no Estado de Santa Catarina<sup>37</sup>

Analisando as respostas, percebemos que o clima foi uma das dificuldades destacadas por esses migrantes, e se formos comparar o fator climático de Criciúma com o do Estado do Pará, é um clima totalmente diferente, ou melhor, o Pará possui um clima equatorial e tropical úmido, quase em todos os dias chove, devido à temperatura e à umidade.

No entanto, destacamos que não foram apenas essas dificuldades que esses paraenses enfrentaram. Nas conversas informais, esses migrantes relataram que sentiram preconceitos, que, segundo eles, foram diversos. Sendo assim, eles relataram que esses preconceitos não foram apenas por serem de outra região, onde seu sotaque, ao falar, já os define como sendo de outro lugar, mas também nas oportunidades de emprego. Segundo esses

<sup>34</sup> Esse relato foi mencionado em uma conversa informal. Esse migrante participou do questionário.

<sup>35</sup> Uma das respostas do questionário.

<sup>36</sup> Uma das respostas do questionário.

<sup>37</sup> Entrevista Marcos, concedida a Ana Paula Gonçalves, no dia 08 de agosto de 2018.

paraenses, os criciumenses dão mais privilégio para a população de Criciúma. Pelo exposto, a paraense Maria nos diz que:

Quando cheguei aqui, foi bem difícil conseguir um emprego, depois de um tempo, eu comecei a trabalhar tirando fio em uma facção, depois conseguir na empresa 1, eu fui discriminada, ser de outro lugar não é muito bom, as pessoas olham estranho pra gente, também trabalhei naquela empresa 2, também fui discriminada, lá nessa empresa, e isso, sei lá, prejudicou bastante a minha vida, mas aí eu conseguir um emprego, lá na empresa 3, não é uma empresa de Criciúma é uma empresa gaúcha do Rio Grande do Sul, e lá eu fui bem tratada conseguir assinar a minha carteira assinada<sup>38</sup>.

No caso de Maria, quando migrou para Criciúma, ela relata a dificuldade de se inserir no mercado de trabalho por conta do preconceito; além disso, em uma conversa informal, essa migrante descreveu que quando conquistava um emprego, sentia preconceito principalmente em seu modo de falar, em utilizar a palavra 'égua'. Nesse caso, ao analisarmos a linguagem paraense, percebemos que é uma mistura da língua portuguesa e da língua indígena; a palavra 'égua' no Pará, é uma expressão muito utilizada como se fosse uma "vírgula paraense"<sup>39</sup>, empregada em muitas frases.

Diante disso, Maria nos contou que, ao pronunciar essa palavra, nos ambientes de trabalho, os colegas se sentiram ofendidos pelo fato da paraense estar chamando-os de animal. Porém, segundo Maria ela não queria ofender ninguém, era apenas o uso de um termo regional. E por este motivo, essa migrante nos informou que teve que mudar alguns vocabulários que utilizava no Pará, se adequando aos modos e aos costumes do lugar.

A paraense também relatou que isso foi muito frustrante, em ter que mudar seus costumes de origem, para se adaptar à cultura local. Nesse caso,

---

<sup>38</sup> Entrevista Maria, concedida a Ana Paula Gonçalves, no dia 10 de agosto de 2018. Optamos em não apresentar os nomes das empresas.

<sup>39</sup> Algumas pessoas comparam a expressão "Égua" como se fosse uma "vírgula" do paraense. Ela serve para quase todo o tipo de situação. Esta expressão é usada pelos paraenses entre mil e uma palavras do vocabulário. Por isso, num diálogo com um paraense é comum ouvirmos a expressão bem mais de uma vez. Ao falar "Égua" o paraense quer expressar situações de espanto, admiração, felicidade ou até mesmo raiva. Pois é, são muitos os sentimentos que a expressão revela dependendo de cada situação onde é empregada, por exemplo: - Égua, que mulher bonita! (Admiração); - Égua, saudades de você! (Surpresa); - Égua, eu nem acredito que consegui! (Felicidade); - Égua, que susto! (Espanto); - Égua, eu não aguento mais! Vou pedir demissão. (Raiva). VER O PESO DA ARTE. "**Égua!**" o que significa esta expressão? 2010. Disponível em: <<http://veropesodaartedebelem.blogspot.com/2010/03/egua-o-que-significa-esta-expressao.html>>. Acesso em: 01 set. 2018.

observa-se que nesse processo migratório, culturas vão se misturando, prevalecendo principalmente, a cultura de destino, na qual, o migrante migrou, como foi o caso de Maria, onde muitas das vezes essas mudanças ocasionam frustrações.

Além dessas dificuldades enfrentadas por Maria, destacamos ainda as principais dificuldades expressas por meio do questionário: ausência da família, a cultura, a discriminação por ser de outro lugar, alugar uma casa, a relação com os criciumenses, entre essas respostas, dois migrantes responderam que não sentiram dificuldades.

Esse fato nos chamou atenção, porque, normalmente, quando o migrante passa por um processo migratório, ao chegar ao local de destino, encontra algumas dificuldades. No caso desses dois migrantes, em um diálogo, eles relataram que foram ajudados por diversas pessoas, tanto com a moradia, na busca por emprego ou por doações de roupas, móveis, e até mesmo com o transporte. E foi por meio desses relatos que fomos analisar a importância da ajuda nesse processo migratório.

Eu já tinha duas irmãs morando aqui Carla e Vanessa, uma é conselheira tutelar e a outra é professora mestranda em educação, na área de educação concursada do Estado. Eu já vim mesmo, e orientada por elas na realidade eu sabia que vim pra cá eu já teria um apoio, né? Pelos parentes pela família, melhor ainda mais positivo ainda a família. Não vim sozinho sem conhecer ninguém<sup>40</sup>.

Diante desse relato de Rodrigo, observa-se a relevância do auxílio no processo migratório. Segundo a antropóloga Glaucia de Oliveira Assis, a ajuda é fundamental nesse processo, pois, “são relações de solidariedade que os migrantes constroem entre a sociedade de origem e a de destino, auxiliando nos primeiros momentos da vida dos migrantes recém-chegados” (ASSIS, 2007, p.752). Sueli Siqueira ressalta ainda que “a rede também possibilita o apoio emocional durante a estadia, desenvolvendo laços e espaços de sociabilidade” (SIQUEIRA, 2011, p.4).

Portanto, elucidamos as redes como um amparo para aqueles que migram, podendo ser um parente, amigo ou outras pessoas que vão auxiliando

---

<sup>40</sup> Entrevista Rodrigo, concedida a Ana Paula Gonçalves no dia 13 de agosto de 2018.

nesse processo, os que recebem ajuda facilitam sua vida, diminuindo suas dificuldades na conquista do projeto migratório.

Nesse sentido, percebemos como as redes sociais são importantes nesse processo migratório, e se formos analisar o caso desses paraenses, o histórico migratório está ligado diretamente a essas redes. Vejamos o relato do Marcos:

(...) quando eu cheguei aqui tumbém, num trouxe roupa adequada de frio, eu conheci aqui uns dez irmãos da igreja, que eu frequento, eu frequento a Assembleia de Deus, e...eu fui amparado lá pelos irmãos do Norte, que moram em Criciúma há mais de 5 anos, e fui eles que me acolheram dando roupas calças, de frio, porque viemos pra cá sem nenhuma roupa de frio, eu conheci eles aqui na igreja, Assembleia de Deus do bairro são Sebastião, eles me ajudaram bastante, mas também, mas também, a minha cunhada que chegou aqui a meses antes que eu aqui, ajudaram bastante ela com roupas e alimentação, com....cartão de passes para andar livre, com o filho dela com estudo, foi bem acolhida ela aqui<sup>41</sup>.

Outra questão que destacamos no questionário foram os motivos da vinda. As respostas para esse questionamento foram diversas: ser cuidada pela sobrinha, conhecer pessoas, amigo que convidou, a passeio e resolver ficar, procura por emprego, minha família se mudou. Com relação às entrevistas, os paraenses Marcos e Rodrigo nos evidenciaram que seus motivos foram:

Olha foi através de uma pessoa, que conheci no face, ela é do meu Estado tumbém, e ela tinha vindo pra cá..e.... atrás de emprego, pra casa duma prima dela, então eu conheci ela pelo face, morava aqui em Criciúma Santa Catarina, e... aí eu perguntei a ela se eu poderia vir aqui conhecer ela pessoalmente, ela disse que sim, e.. eu peguei e vim pra Santa Catarina, Criciúma<sup>42</sup>.

Primeiramente eu vim conhecer Santa Catarina eu tinha essa vontade de conhecer, o estado de Santa Catarina, e eu aproveitei a oportunidade quando minha irmã, ela foi transferida pra cá, o seu esposo é militar do exército e foi transferido e fomos passar uma férias e gostei, e acabei vindo morar pra cá<sup>43</sup>.

Em se tratando dos motivos podemos inferir que esses migrantes tiveram diversas motivações. Analisando o artigo da socióloga Rosana Beninger: *Tendências para o Século XXI* (2015), a autora nos aponta que, os motivos que levam a um movimento migratório são diversos, sejam eles,

<sup>41</sup> Entrevista Marcos, concedida a Ana Paula Gonçalves no dia 08 de agosto de 2018.

<sup>42</sup> Entrevista Marcos, concedida a Ana Paula Gonçalves, no dia 10 de agosto de 2018.

<sup>43</sup> Entrevista Rodrigo, concedida a Ana Paula Gonçalves, no dia 13 de agosto.

econômicos, políticos, cultural, religioso, entre outros (BENINGER, 2015). Comparando esse estudo de Baeninger com esta pesquisa, também podemos concluir que vieram por diversos fatores.

Outro elemento que merece ser pontuada faz referência, a vida hoje desses migrantes, após o processo migratório em Criciúma. Nessa questão, de um modo geral, todos responderam que hoje, ter migrado para Criciúma melhorou suas condições financeiras, principalmente na conquista de um imóvel, que antes não fazia parte de sua realidade, além disso, alguns tiveram a conquista de uma graduação, pela oportunidade, não só de uma bolsa, como também o custo acessível em instituições que ofertam uma graduação com valores que podem financiar. E mediante este exposto, abaixo destacamos algumas respostas:

Minha vida aqui é boa, tive a oportunidade de cursar uma faculdade, tenho um emprego bom e moro em um bairro tranquilo e pacífico. Tudo o que a cidade natal onde morava não pode me dá<sup>44</sup>.  
Ótima! Estou adaptada, concursada do Estado e fiz curso de psicologia pós-graduação e mestrado em educação<sup>45</sup>.  
Hoje, vivo uma vida estável, tranquila. Ainda em fase de adaptação, devido a saudade da minha cidade natal. Mas hoje, tenho qualidade de vida, posso caminhar tranquilamente pelas ruas, sem me preocupar com a violência. Estou planejando trazer outros parentes. Para também obterem qualidade de vida e oportunidades<sup>46</sup>.

Diante de todos esses itens, esta pesquisa nos ajudou a compreender a vinda, o motivo, a adaptação e as dificuldades desses paraenses que participaram deste trabalho, revelando-nos suas trajetórias de serem migrantes em uma terra com cultura diferente, onde ser de fora, segundo alguns relatos, “foi muito difícil no início”, principalmente com a adaptação do clima.

Inferimos isto como barreiras encontradas pelos migrantes, em que o novo lugar de destino apresenta algumas estranhezas, que para alguns migrantes se torna um desafio. Segundo Cardoso, esses estranhamentos “são olhares, angústias, contradições, (res) sentimentos, que marcam a trajetória de muitas pessoas” (CARDOSO, 2011, p. 68)

Neste viés, a historiadora Marieta de Moraes Ferreira, reforça ainda que “as trajetórias dos indivíduos ou grupos merecem ser ouvidas, também as

---

<sup>44</sup> Uma das respostas do questionário.

<sup>45</sup> Uma das respostas do questionário.

<sup>46</sup> Uma das respostas do questionário.

especificidades de cada sociedade devem ser conhecidas e respeitadas. ” (FERREIRA, 1998, p.11). Mediante isso, está pesquisa de campo propôs evidenciar, não só a trajetória desses paraenses, mas também, tentar entender suas experiências nesse processo migratório.

Posto isso, e analisando os resultados deste trabalho de campo, inferimos que nesta pesquisa ficaram algumas lacunas. Estas lacunas se dão pelo fato de alguns migrantes se recusarem em participar tanto da aplicação dos questionários, como também das entrevistas. Com relação ao questionário, muitos que participaram pediram de volta, talvez isso possa ser explicado pelo medo de estar em outro local, que não seja de origem desses migrantes, por medo de represália. Como foi o caso de uma estudante de pedagogia da Universidade do Extremo Sul Catarinense, na qual, marcamos e desmarcamos diversas vezes um encontro. Em um diálogo informal, relatou o receio de participar de um trabalho de pesquisa da Universidade, com medo de perder sua bolsa.

Esse episódio possibilita refletir que nesse processo migratório, o fato desses migrantes estarem em outro lugar, já demonstra certo medo de sofrerem alguns problemas futuros. Talvez essa reação possa ser justificada nas atitudes desses migrantes de recusarem em participar dessa pesquisa.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos, no primeiro momento, fazer uma breve contextualização das migrações internas no Brasil, e inferimos que este estudo é muito complexo, pois nos remete a entender não só os fatores políticos, econômicos e sociais de cada período migratório, como também analisar como esses fluxos migratórios vão tomando direções diversas ao longo das décadas. Assim, esta pesquisa observou que hoje os fluxos migratórios estão diversificados em várias regiões, contudo, os estudos revelaram que até agora a região Sudeste e Sul ainda atraem os maiores números de migrantes.

Também se buscou evidenciar Criciúma como polo atrativo para migrantes, e verificamos que o desenvolvimento da atividade carbonífera teve seus altos e baixos. Pontuou-se também neste tópico destacar o desenvolvimento econômico da construção civil no final da década de 1990 e início do ano seguinte. Inferimos que nesse processo de desenvolvimento da economia da cidade de Criciúma, muitos migrantes se deslocaram para esse município.

Hoje, Criciúma é polo industrial em diversos setores; na confecção, nas embalagens, no plástico, nos descartáveis, na construção civil, entre outros. E esses estudos apontaram que até hoje Criciúma recebe migrantes de diversas regiões, seja na oportunidade de emprego ou na procura por uma educação de qualidade, onde muitos estudantes migram com o objetivo de terminar os estudos.

Com relação aos paraenses, nosso foco de pesquisa procurou discutir e analisar o deslocamento, motivos da vinda, adaptação e suas dificuldades de ser um migrante em Criciúma. Dessa forma, suas histórias revelaram que vieram por diversos motivos, suas adaptações foram difíceis, principalmente em relação ao clima; já, as dificuldades, foram diversas: ausência da família, a cultura, a discriminação por ser de outro lugar, alugar uma casa, a relação com os criciumenses, e principalmente o fator preconceitos, relatado por Maria.

Além dos relatos dessa migrante, nas conversas informais outros paraenses também descreveram que sofreram preconceitos sobre sua cultura. Visualizou-se também que alguns migrantes ocultavam casos que aconteceram nesse contexto migratório, logo, esses paraenses, que evitaram falar alguma

eventualidade sobre a cidade de Criciúma, dificilmente pontuaram algumas questões negativas desse município. Reforça-se, nesse caso o receio de estar em outro lugar, e, de certo modo, falar bem do lugar de destino é uma das opções a que preferem muitos migrantes, por medo de sofrerem alguma consequência.

Isso pode ser referenciado nas dificuldades que encontramos no decorrer desta pesquisa, que foram diversas, seja com algumas entrevistas já realizadas, que voltaram atrás após ter realizado a pesquisa, justificando receio em contribuir para este trabalho, como também na aplicação dos questionários, sendo que muitos desistiram de realizar, ou até mesmo quem participou, pedindo questionário de volta, mesmo sem seus nomes registrados no questionário. Analisamos esses fatos com os desafios que o pesquisador tem que enfrentar quando se propõe a trabalhar com a história oral.

Dessa forma, analisaram-se também as conquistas de muitos paraenses pelo sonho da casa própria, uma graduação, pós-graduação; alguns relataram que essa realidade seria bem difícil no estado de onde vieram, devido à carência de oportunidade.

Enfim, inferimos que este trabalho ainda necessitará ser estudado, principalmente ser aprofundado, pois muitas informações foram surgindo no decorrer das análises das fontes. Por esta razão, este trabalho ainda tem uma trajetória a ser percorrida, pois percebemos que, ao fazer um estudo sobre os paraenses em Criciúma, ainda existe um caminho longo, visto que questões foram surgindo neste percurso, o qual precisará de mais tempo de pesquisa.

## 5 REFERÊNCIAS

ADEPARÁ. **Agricultura é responsável por quase 40% da economia do Pará.** 2017. Disponível em: <<http://www.adepara.pa.gov.br/artigos/agricultura-%C3%A9-respons%C3%A1vel-por-quase-40-da-economia-do-par%C3%A1>>. Acesso em: 03 set. 2018.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. **De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros.** 2004. 348 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004. Disponível em: <[repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/280714/1/Assis\\_GlauciadeOliveira\\_D.pdf](repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/280714/1/Assis_GlauciadeOliveira_D.pdf)>. Acesso em: 10 set. 2018.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais e migração internacional. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 15, n. 3, p.745-772, 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2007000300015&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2007000300015&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 29 nov. 2018.

ATAÍDE, Marlene Almeida de. Um diálogo com a história oral na perspectiva metodológica e dos aspectos éticos: limites ou possibilidades de se fazer pesquisa qualitativa?. **Sinais: Revista de Ciências Sociais**, Vitória, v. 2, n. 20, p.148-167, 2016.

BAENINGER, Rosana. Migrações internas no Brasil século 21: evidências empíricas e desafios conceituais. In: CUNHA, João Marcos Pinto (org.).

BAENINGER, Rosana. Migrações internas no Brasil: tendências para o século XXI. **Necat**, Florianópolis, v. 4, n. 7, p.09-22, 2015. Disponível em: <<http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/necat/article/view/3623>>. Acesso em: 01 set. 2018.

BAENINGER, Rosana. Rotatividade migratória: um novo olhar para as migrações internas no Brasil. **Remhu**, Brasília, v. 20, n. 39, p.77-100, 2012. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1980-85852012000200005&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1980-85852012000200005&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 05 set. 2018.

BRITO, Fausto R. A. de. **As migrações internas no Brasil:** um ensaio sobre os desafios teóricos recentes. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2009. 20 p. (Textos para discussão; 366).

CARDOSO, Michele Gonçalves. DE CAPITAL DO CARVÃO À CIDADE DAS ETNIAS: A TRANSFORMAÇÃO IDENTITÁRIA CRICIUMENSE NO PERÍODO DE SEU CENTENÁRIO (1980). **Tempos Acadêmicos:** Revista do Curso de História, Criciúma, v. 1, n. 10, p.01-11, 2010.

CARDOSO, Michele Gonçalves. **De volta para a casa:** a inserção dos retornados a cidade de Criciúma/SC (1995-2009). 2011. 134 f. Dissertação

(Mestrado) – Programa de Pós-graduação em História UDESC, Florianópolis, 2011.

CARDOSO, Michele Gonçalves. Fronteiras fluídas: a circulação de experiências e a consolidação de um imaginário migratório em Criciúma/SC.

**MÉtis:** História e Cultura, Caxias do Sul, v. 14, n. 27, p.287-309, 2015.

Disponível em:

<<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/3286>>. Acesso em: 27 out. 2018.

CARDOSO, Michele Gonçalves. Vozes da cidade: percepções de migrantes retornados à cidade de Criciúma/SC. **Fronteiras:** Revista Catarinense de História, Florianópolis, v. 20, n. 1, p.53-68, 2010. Disponível em:

<[http://www.anpuh-](http://www.anpuh-sc.org.br/rev%20front%2020%20vers%20fin/f20%20art_dossie3_vozes%20cidade_michele%20g%20cardoso.pdf)

[sc.org.br/rev%20front%2020%20vers%20fin/f20%20art\\_dossie3\\_vozes%20cidade\\_michele%20g%20cardoso.pdf](http://www.anpuh-sc.org.br/rev%20front%2020%20vers%20fin/f20%20art_dossie3_vozes%20cidade_michele%20g%20cardoso.pdf)>. Acesso em: 26 out. 2018.

CAROLA, Carlos Renato. **DOS SUBTERRÂNEOS DA HISTÓRIA: AS TRABALHADORAS DAS MINAS DE CARVÃO DE SANTA CATARINA (1937-1964)**. Florianópolis: Edufsc, 2002. 262 p.

COELHO, Tiago da Silva. **MIGRAÇÃO NORDESTINA NO BRASIL**

**VARGUISTA: DIFERENTES OLHARES SOBRE A TRAJETÓRIA DOS**

**RETIRANTES**. 2012. 160 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de

Pós Graduação em História, Pucrs, Porto Alegre, 2012. Disponível em:

<<http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2425/1/438223.pdf>>. Acesso em: 05 set. 2018.

CONDURÚ, Marise Teles. **ANÁLISE DA QUALIDADE DA INFORMAÇÃO NO SETOR DE SANEAMENTO BÁSICO:** em busca da inteligência estratégica.

2012. 291 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós Graduação em

Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Universidade Federal do

Pará, Belém, 2012. Disponível em:

<<http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/3691>>. Acesso em: 30 out. 2018.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação.

**Pesquisa social: teoria, método e criatividade**, v. 4, p. 51-66, 1994.

CUNHA, José Marcos Pinto da. A migração no Brasil no começo do século 21: continuidades e novidades trazidas pela PNAD 2004. **Parcerias Estratégicas**, Brasília, v. 11, n. 22, p.381-439, 2006.

CUNHA, José Marcos Pinto da (Org.). **Mobilidade espacial da população:**

Desafios teóricos e metodológicos para o seu estudo. Campinas: Nepo, 2011.

184 p. Disponível em:

<[https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/livros/mobilidade/Mobilidade\\_Espacial\\_da\\_Popula%C3%A7%C3%A3o.pdf](https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/livros/mobilidade/Mobilidade_Espacial_da_Popula%C3%A7%C3%A3o.pdf)>. Acesso em: 01 set. 2018.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral:** Memória, tempo, identidade, editora autêntica, Belo Horizonte, 2006, 135 p.

EMBRAPA. **Embrapa leva o cultivo da pimenta-do-reino aos empresários paraenses.** 2018. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/amazonia-oriental/busca-de-noticias/-/noticia/34298101/embrapa-leva-o-cultivo-da-pimenta-do-reino-aos-empresarios-paraenses>>. Acesso em: 26 set. 2018.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Desafios e dilemas da História oral nos anos 90: o caso do Brasil. **História oral**, São Paulo, n.1, p.19-30, jun.1998.

FIGUEIREDO, Luiz Orencio, ZANELATTO, João Henrique. **Trajetória de migrações no Brasil**, Maringá, v. 39, n. 1, p. 77-90, Jan/Apr, 2017.

G1/PA. **PIB do Pará chega a R\$ 130,9 bilhões e sobe duas posições no ranking nacional.** 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pa/para/noticia/pib-do-para-chega-a-r-1309-bilhoes-e-sobe-duas-posicoes-no-ranking-nacional.ghtml>>. Acesso em: 03 set. 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Método e técnica de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 216 p.

GOMES, Sueli de Castro, **UMA INSERÇÃO DOS MIGRANTES NORDESTINOS EM SÃO PAULO: O COMÉRCIO DE RETALHOS**, **Imaginário** v.12 n.13 São Paulo dez. 2006.

HASENBALG, Carlos. **A pesquisa sobre migrações, urbanização, relações raciais e pobreza no Brasil: 1970-1990.** Rio de Janeiro: IUPERJ/Sociedade Brasileira de Instrução (Série Estudos, n 82), 1991.

IBGE. **Maior concentração de búfalos do país, Ilha do Marajó está no Censo Agro.** 2018. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/17932-maior-concentracao-de-bufalos-do-pais-ilha-do-marajo-esta-no-censo-agro.html>>. Acesso em: 03 set. 2018.

IDESP. **SÍNTESE DO ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO MUNICIPAL – IDHM PARA O ESTADO DO PARÁ.** 2017. Disponível em: <<http://www.fapespa.pa.gov.br/upload/Arquivo/anexo/234.pdf?id=1526527571>> . Acesso em: 27 set. 2018.

LISBOA, Severina Sarah. OS FATORES DETERMINANTES DOS NOVOS MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS, **Revista Ponto 84 de Vista** – Vol.5, Campus Universitário – Viçosa (MG), 2004.

MARTINE, George, CARVALHO, José Alberto M, de (1989), Cenários demográficos para o século XXI e algumas implicações sociais. **Planejamento e Políticas Públicas**, Brasília; IPEA, n,2, p,61-91, 1989.

NASCIMENTO, Dorval. **Faces da urbe: processo identitário e transformações urbanas em Criciúma/SC (1945-1980).** 2006. 242 p. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

NASCIMENTO, Dorval. **Formação Histórica de Criciúma (1880-1930)**. A elite dominante e a formação da cidade. Trabalho de conclusão de cursos de pós-graduação em história. Universidade do Extremo Sul Catarinense, 1993.

PASCOAL, Grazieli Benedetti, SANTOS, Valdirene F. Neves dos. Aspectos gerais da cultura alimentar paraense, **RASBRAN** - Revista da Associação Brasileira de Nutrição. São Paulo, SP, Ano 5, n. 1, p. 73-80, 2013.

SIQUEIRA, Sueli. **O RETORNO NA PERSPECTIVA DE GÊNERO**, Trabalho apresentado na 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil, 2011.

TAVARES, Maria Goretti da Costa. A FORMAÇÃO TERRITORIAL DO ESPAÇO PARAENSE: dos fortes à criação de municípios, **Revista ACTA Geográfica**, ANO II, nº3, jan./jun. de 2008. p.59-83.

VALE, Ana Lia Farias, LIMA, Luís Cruz, BONFIM, Maria Geovani, Século XX: 70 anos de migração interna no Brasil, **Textos e Debates**; Vol. 1, n. 7, p. 22-43, 2004.

VALE, Ana Lia Farias; LIMA, Luís Cruz; BONFIM, Maria Geovaní. Século XX: 70 anos de migração interna no Brasil. In: **Revista Textos e Debates**. Roraima: Universidade Federal de Roraima. v. 1, nº 7, 2004, p. 22-43.

VIEIRA, Sonia. **Como Elaborar Questionários**. São Paulo: Atlas, 2009. 160 p.

## FONTEIS ORAIS

Marcos, 46 anos. Entrevista concedida a Ana Paula Gonçalves, realizada no dia 08 de agosto de 2018. Migrou em 2017.

Maria, 36 anos. Entrevista concedida a Ana Paula Gonçalves, realizada no dia 10 de agosto de 2018. Migrou em 2017.

Rodrigo, 58 anos. Entrevista concedida a Ana Paula Gonçalves, realizada no dia 13 de agosto de 2018. Migrou em 2007.

## JORNAIS

DIÁRIO ONLINE, **Belém espera receber 78 mil turistas durante o Círio 2017**: cerca de 3% a menos que em 2016. 2017. Disponível em: <<http://www.diarioonline.com.br/noticias/para/noticia-445029-belem-espera-receber-78-mil-turistas-durante-o-cirio-2017;-cerca-de-3-porcento-a-menos-que-em-2016.html>>. Acesso em: 07 set. 2018.

DIÁRIO ONLINE. **Anuário do Pará 2016-2017 é lançado oficialmente**. Disponível em: <<http://www.diarioonline.com.br/noticias/para/noticia-398616->

anuario-do-para-2016-2017-e-lancado-oficialmente.html>. Acesso em: 08 set. 2017.

DIÁRIO ONLINE. **Pará tem maior índice de desemprego da região Norte.** 2017. Disponível em: <<http://m.diarioonline.com.br/noticias/para/noticia-435778-para-tem-maior-indice-de-desemprego-da-regiao-norte.html>>. Acesso em: 09 set. 2018.

DIÁRIO ONLINE. **Violência aumenta quase 20% no Pará e polícia não dá conta.** 2017. Disponível em: <<https://www.diarioonline.com.br/noticias/policia/noticia-481110-violencia-aumenta-quase-20-porcento-no-para-e-policia-nao-da-conta.html>>. Acesso em: 10 set. 2018.

G1/PA. **PIB do Pará chega a R\$ 130,9 bilhões e sobe duas posições no ranking nacional.** 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pa/para/noticia/pib-do-para-chega-a-r-1309-bilhoes-e-sobe-duas-posicoes-no-ranking-nacional.ghtml>>. Acesso em: 10 set. 2018.

G1/PA. **Vendas no complexo do Ver-o-peso movimentam R\$ 1 milhão por dia.** 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2017/03/vendas-no-complexo-do-ver-o-peso-movimentam-r-1-milhao-por-dia.html>>. Acesso em: 08 set. 2018.

## APÊNDICE

APÊNDICE A – QUESTÕES NORTEADORAS PARA ENTREVISTAS DOS  
MIGRANTES PARAENSES.

**TEMA DE PESQUISA: UM OLHAR SOBRE OS PARAENSES EM CRICIÚMA.**

**ROTEIRO DAS PERGUNTAS**

1. Qual o seu nome?
2. Que idade você tem?
3. Qual a cidade onde morava antes de migrar para Criciúma?
4. Qual era sua profissão nesta cidade?
5. Como era sua vida lá?
6. Depois que você veio reside em Criciúma, você sente saudades do lugar onde você morava?
7. Em que ano você migrou?
8. Você veio sozinho ou acompanhado?
9. Como foi a viagem?
10. Porque você escolheu a cidade de Criciúma para morar?
11. Qual foi a sua primeira impressão quando chegou?
12. Você tinha algum conhecido ou parente que já morava em Criciúma?
13. Teve alguma ajuda?
14. O que te motivou a vir para Criciúma?
15. Fale um pouco da sua adaptação na cidade de Criciúma?
16. Você encontrou dificuldades? Quais foram?

**ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO**

1. Que idade você tem? Em que ano você veio para Criciúma?
2. Qual a cidade do Estado do Pará que você nasceu e como era sua vida nesta cidade?
3. Qual o motivo que te trouxe a vir para Criciúma?
4. Depois que você veio morar em Criciúma, você sente saudades do lugar onde você morava? Por quê?
5. Você tinha algum conhecido ou parente que já morava em Criciúma?
6. Fale um pouco da sua adaptação na cidade de Criciúma?
7. Você encontrou algumas dificuldades? Quais foram elas?

8. Hoje, como é a sua vida em Criciúma?